



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire

Volume I

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2020, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Revisão
Madalena Alfaia
Paginação
Leonel Duarte
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: julho de 2020
ISBN: 978-972-27-2819-5
Depósito legal: 465 292/19
Edição n.º 1023815



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

I

18 de outubro de 1950. 13 horas e dez minutos. Manuel Teixeira-Gomes é apeado no cais de Portimão. Chegou na lancha *Fomalhaut*, desembarcado do *Dão*, o cruzador da Armada Portuguesa fundeado frente à Praia da Rocha. Não imaginou a derradeira viagem, a partir de Bougie (Bejaia), Argélia. Aqui, no modesto quarto 13 do Hôtel de l'Étoile, secou os últimos dez anos de vida. O silêncio vencera-o, naquele dia, nove anos antes.

Em Portimão, teve funeral de Estado. Aguardavam-no Trigo de Negreiros, ministro de Salazar, o presidente da Câmara, as autoridades civis e militares, a família próxima e uma multidão densa, nunca vista. Alves Redol, Mário de Azevedo Gomes, Salgado Senha, Tito de Morais, Virgínia de Moura, José Dias Coelho, Margarida Tengarrinha, e tantos outros. Gente anônima que desabelhou das suas casas ou, de longe, veio prestar-lhe a última homenagem. Uma enorme e inesperada manifestação contra o regime, seguida de repressão bruta e detenções arbitrárias. O costume.

Havia um quarto de século que se demitira da presidência da República, a meio do mandato, a 12 de dezembro de 1925. Cinco dias depois, embarca no cargueiro *Zeus*, o primeiro barco a rumar de Lisboa para o Mediterrâneo. Passa ao largo da sua terra. Ninguém notou.

Na sua mala de porão, a *Neverbreak*, leva o indispensável. No país, deixa o escusado, que era quase tudo. Prédios rústicos e urbanos, milhares

de livros, coleções de arte, objetos pessoais, fortuna notada. E, também, Ana Rosa e Maria Manuela, as filhas. Só não largou a mãe, Belmira, porque já o havia feito, quando se instalou em Londres, como ministro plenipotenciário da República.

Nascera em berço aconchegado. Rua dos Quartéis, n.º 1. Casa vasta com jardins a debruçar o rio Arade. Fizera as primeiras letras na melhor escola particular da vila, o Colégio de São Luís de Gonzaga. Aos 10 anos, a separação dolorosa da família para entrar no seminário dos Olivais, em Coimbra. É um dos «filhos da melhor gente do Reino» que o frequenta. Parceiro de carteira de José Relvas. Firma aqui o credo republicano. Nunca o abandonará.

Preparatórios do seminário concluídos, segue para Medicina, na Universidade de Coimbra. Tem 15 anos e empenho frouxo. Falta às aulas. Passeia-se pelo Mondego. Convive com os maiores intelectuais da Lusa Atenas. Salta para Lisboa e, depois, Porto, onde se matricula nas respectivas Escolas Médico-Cirúrgicas. Nunca será o médico que o pai quer na família. O tempo que lhe sobra do estudo que adia é substituído por leituras densas em todas as áreas do conhecimento e por convívios férteis com colegas e amigos, figuras gradas da arte e da cultura, da segunda metade do século XIX. Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Fortunato da Fonseca, Joaquim de Araújo, Domingos Ciríaco Cardoso, Sampaio Bruno, Basílio Teles, Marques de Oliveira, Soares dos Reis são alguns dos muitos que o envolvem.

Quando se estreia na escrita literária, aos 21 anos, na *Folha Nova* — periódico do Porto que tinha como colaboradores Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Gomes Leal —, indicia logo que será um deles. Debandara o putativo médico, chegara o escritor. Sem pressa. Só tarde, com um pé nos 40, publicará *Inventário de Junho*, o seu primeiro livro.

Coimbra, Lisboa e Porto dão-lhe infinita riqueza espiritual. Mas são sorvedouros de dinheiro largo. O pai chama-o à razão. Corta-lhe a mesada. Força-o a regressar a casa. E transfigura-o, de imediato, no caixeiro-viajante de que necessita para expandir o negócio internacional dos figos secos.

Culto, loquaz, informado, meticoloso, Teixeira-Gomes, com 25 anos, começa a fazer as campanhas do figo no Algarve. E logo zarpa para o Norte da Europa para os vender. Tem escritório em Antuérpia. Arrecada

receitas volumosas. Bem apovisionado, deambula longos meses pela Europa, pelo Mediterrâneo das múltiplas margens e pelo Médio Oriente. Busca conhecimento e extasias plurais. Frequenta teatros, salas de concertos, catedrais, palácios, exposições, restaurantes, botequins, prostíbulos. É dos viajantes mais incendidos e cultos deste tempo.

Quando se aproxima dos 40 anos, arrepia caminho. Estaca na terra. Quer apenas cuidar do negócio familiar, dirigir o amanho das muitas propriedades, amodorrar no seu escritório. E entregar-se à escrita e edição dos primeiros livros. O pasmo da vila, a quietude do rio Arade, as enleantes paisagens de mar e campo atiçam-lhe a criação literária. Tudo parece bastar-lhe.

Só que nunca é tarde para um homem se desassossegar. O alvoroço da queda da Monarquia troca-lhe as voltas. Por ela, tanto esperara. E, aos 50 anos, a falar seis línguas, é convidado para representar a República, em Londres. Não tem experiência. Mas a vida cosmopolita de que abusara e o conhecimento pessoal de muitos diplomatas constituem cabedal precioso. Não enjeita o desafio.

Não vai passear, apenas, intuição política, inteligência, elegância, cultura. Espera-o trabalho árduo. Tem de travar a conspiração permanente da Corte portuguesa ali refugiada e obter o reconhecimento internacional da República. Desenvolve um esforço gigantesco, com fraco apoio de Lisboa, para dar resposta às complexas questões diplomáticas. Negoceia, cheio de dúvidas, a entrada de Portugal na Grande Guerra. Debruça-se sobre milhares de dossiês e esgota-se em diligências sem fim. Chega a trabalhar 18 horas por dia.

Portugal consegue ficar do lado dos vencedores. Mas em tudo o mais parece um derrotado. Teixeira-Gomes anteviu o enorme desastre militar e humano. Do mal, o menos. Seguraram-se as colónias em África, cobiçadas por aliados e inimigos.

Entre notícias do horror e bombardeamentos sobre a capital do império, vive intensamente. Frequenta o melhor da sociedade londrina. Até no Palácio de Buckingham os seus passos ecoam. E o corpo freme, em clubes seletos, festas privadas, concertos *promenade*, jantares opíparos pela mão do amigo Auguste Escoffier, nos hotéis Carlton e Ritz.

Findo o conflito, dirige a delegação portuguesa aos múltiplos fóruns internacionais do pós-guerra, decisivos para o futuro de Portugal e do mundo. É eleito vice-presidente da Assembleia-Geral da Sociedade das Nações.

Prestígio adquirido, sensibilidade política e conhecimento profundo dos grandes dossiês nacionais e internacionais motivaram sucessivos convites para primeiro-ministro e presidente da República. Enjeita-os todos. Aceita apenas um. Com muitas reticências.

Em Agosto de 1923, é eleito presidente da República, pelas duas câmaras do Congresso. Contrariado, tem de abandonar Londres, onde está mais do que enraizado. Desembarca em Lisboa. Toma posse. Sorriso descrito.

A vida no Palácio de Belém não será fácil para o sétimo presidente da República. Cedo constata a deriva anárquica do país, revoltas militares, greves, atentados bombistas. Bagunça solta, a franquear o caminho para a ditadura. Antevê-a. Conhece bem o exemplo da Espanha de Primo de Rivera, e da Itália de Benito Mussolini.

O democrata de sempre não hesita. Sabe que tem as mão atadas. Com metade do mandato por cumprir, bate com a porta. Cinco meses depois, a 28 de maio de 1926, Gomes da Costa toma o poder. Não tardará Salazar e o Estado Novo. Congeladas a democracia e as liberdades.

Solto da «gaiola dourada» — no longo hiato de década e meia em funções oficiais —, retoma as viagens da juventude. Deambula, de novo, pelo Mediterrâneo. Regressa à escrita literária. Segue à distância o país. Escreve copiosamente.

Muitas e boas razões teve este homem livre para só regressar, sem o saber nem o querer, nove anos após a morte. A pátria acomodava-se a um Estado policial. Tolhia-se no medo, na censura, na repressão. Dela, nada esperava. Da família, muito pouco. Da sua terra, ainda menos: «A vida, aí, anda numa grande mistura de elementos maus, e a inveja tem mais por onde roer, pois esquadrinha por todos os lados e nada lhe escapa. Ela vai até abranger indistintamente pobres e ricos, desgraçados e felizes.»

Nesta carta, ainda inédita, expedida da Tunísia para Francisco Corte-Real, o médico da família, em dezembro de 1929, quatro anos depois de ter deixado para sempre o país, confessava-se sereno e apaziguado: «Grande e constante quietação de espírito; trabalho livre da imaginação ao sabor da fantasia; faculdade de atenção, que me permite ler — embora muito lentamente — quatro horas por dia e escrever outras tantas. E aqui está o quadro da minha saúde, que não parece conter tintas negras.»

Assim seguiu. Livre e determinado. Até ao último suspiro. Madrugada de sábado. 5 horas e 10 minutos. 18 de outubro de 1941.

Oitenta e um anos vividos como bem quis este boémio fogoso, negociante arguto, colecionador esclarecido, melômano informado, viajante sôfrego, diplomata presciente, presidente da República dedicado, mas impotente. E, acima de tudo, um dos grandes escritores do século xx.

José Alberto Quaresma

II

Neste volume, o primeiro de uma série que irá reunir a obra édita de Teixeira-Gomes, reúnem-se os seus primeiros livros, publicados entre 1899 e 1905: *Inventário de Junho* (1.^a ed. 1899), *Cartas sem Moral Nenhuma* (1.^a ed. 1903), *Agosto Azul* (1.^a ed. 1904) e *Sabina Freire* (1.^a ed. 1905). A publicação segue as normas da edição já feita na Imprensa Nacional por Urbano Tavares Rodrigues, excluindo as notas da autoria de Urbano, Helena Carvalhão Buescu e Vítor Wladimiro Ferreira, que podem ser consultadas nos volumes então publicados, em que foi seguida a última edição revista por Teixeira-Gomes com as alterações por ele feitas, de que a mais significativa é o acrescento de recordações de João de Deus que completam *Inventário de Junho*, «Desenhos e Anedotas de João de Deus», por ele publicadas em 1907. Foram ainda corrigidas pequenas e mínimas imperfeições entretanto notadas, além de uma ou outra gralha.

Podemos desde já notar que, em cerca de cinco anos, nessa transição do século xix para o xx, Teixeira-Gomes dá à estampa livros em que logo se manifesta um estilo e um tom inteiramente únicos na nossa literatura. Talvez *A Correspondência de Fradique Mendes* ou *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, publicados respetivamente em 1900 e 1901, se possam considerar um equivalente quer no cosmopolitismo quer na marca que neles se imprime do decadentismo da época, sob a influência de um J.-K. Huysmans ou de um Villiers de L'Isle-Adam, entre outros. Embora Teixeira-Gomes não tivesse ainda entrado na diplomacia, o que só irá suceder depois da proclamação da República, em 1910, que o levará de resto a pôr de lado a publicação de novas obras durante décadas, até ao início do seu exílio autoimposto na Argélia, em fim de 1925, na sequência da sua decisão de se demitir da presidência da República, é nele visível o

mesmo cosmopolitismo e a mesma cultura em tudo o que se faz nos mais variados planos da vida artística, incluindo música, teatro, artes plásticas, arquitetura e, como é evidente, literatura.

O que mais impressiona, porém, é vermos como ele consegue agregar todos estes aspetos da cultura da época com uma obra absolutamente original, conciliando memorialismo e ficção, embora nestes primeiros livros seja a primeira característica a dominante; mas podendo notar-se, desde logo, como essas memórias de personagens, homens ou mulheres da sua adolescência e princípio de vida, são dadas em quadros em que, por muito reais que essas figuras tenham sido, tudo nos é apresentado em passagens narrativas que permitem passar desse fundo autobiográfico a pequenos episódios romanescos. E talvez seja isto que nos permite ver, com olhos de leitor de uma realidade em que o imaginário se sobrepõe à verdade daquela época, descrições de episódios que colidem totalmente com os valores atuais. É surpreendente, de resto, vermos a coragem e o confessionalismo sem limites de um escritor que, desde os seus primeiros livros, se coloca contra esses valores morais que já então, em muitos aspetos, seriam objeto de censura, por muito tolerada que fosse a sua prática.

E podemos colocá-lo a par de um André Gide, de um Pierre Louÿs, de um Pierre Loti, de um Oscar Wilde na forma como cultivava um esteticismo levado às últimas consequências, um cosmopolitismo do viajante que junta comércio e cultura nas suas deslocações, visitando o que de melhor há na civilização da época, e no modo como dá corpo à sociedade do Algarve nas suas múltiplas camadas sociais, sem esconder nenhum aspeto da vida do seu tempo, e sem nunca cair no regionalismo, podendo ser colocado a par de João Lúcio nessa visão algarvia sem cedências ao local. Admita-se que há pontos que hoje podem levantar polémica de acordo com os critérios morais da nossa época, nomeadamente em relação a descrições em que entram jovens de menor idade; mas teríamos de entrar num capítulo censório que levaria por caminhos perigosos, e o próprio Teixeira-Gomes, no «Posfácio ou Carta aos Leitores sobre Coisas Mínimas», que termina as *Cartas sem Moral Nenhuma*, alerta para as consequências a que o puritanismo, na arte como na literatura, pode conduzir.

Um sinal de rutura com os hábitos literários da época encontra-se na intersecção de géneros na sua escrita: há momentos narrativos, momentos autobiográficos, passagens que poderiam fazer parte de um diário, crítica de arte, apreciações literárias, relatos de viagem: a diversidade não nos

afasta nunca de uma lógica que nunca se perde, passando de um tópico a outro de forma natural, refletindo a imensa cultura de quem se mostra identificado com as mais modernas, na sua época, correntes estéticas. É preciso notar que, nesse fim de século XIX e princípio de século XX, nada de análogo se encontra, não só em Portugal, talvez com a exceção de Raul Brandão, mas também noutros países europeus, o que nos permite um acréscimo de surpresa e de admiração por quem, só anos mais tarde, terá num António Patrício um equivalente, ainda que a obra deste seja mais reduzida no campo da ficção.

Um outro ponto que merece destaque é o interesse que muitos capítulos ao longo destes livros apresentam para conhecermos a sociedade europeia desse período. Um início de vida adulta que o conduziu, entre homem de negócios e turista, a países quer do Mediterrâneo quer da Europa do Norte, com destaque para Itália, Turquia, Espanha, Holanda, Inglaterra, França (Paris, claro), ilha da Madeira, reflete-se em diversas situações narradas com uma finura senhorial que lhe permite fazer retratos notáveis quer de espaços monumentais, de cidades, de paisagens, como de figuras femininas ou masculinas, destacando-se o seu olhar sobre os corpos que o fascinam, independentemente do género, apenas pela beleza e pela elegância.

Um outro género em que Teixeira-Gomes se distingue é a epístola. Dirigindo-se a amigos ou a um destinatário que, no fundo, será o próprio leitor, captando a sua atenção pela forma como o faz participar no seu mundo, como consegue levá-lo a viver através de um olhar atento aos mais ínfimos pormenores, dando-lhes uma significação que, no quotidiano, passaria despercebida, e sobretudo transmitindo o prazer com que ele vai atravessando a vida.

E talvez seja a palavra «vida» a mais eloquente para dar conta do que percorre esta obra. É o gosto de viver que sentimos a cada passo, e para o manter Teixeira-Gomes sacrifica o que for preciso, para que não se perca o seu amor pelas coisas belas e a sua dedicação ao instante, desde que ele lhe permita ganhar uma sensação desse êxtase que tanto pode nascer da contemplação de uma obra de arte como do corpo humano. E é esse epicurismo que o leva a renunciar ao país no momento em que se apercebe de que o Poder, que o levou ao mais alto cargo da nação, constitui afinal um contrapeso ao seu desejo de uma vivência estética. A ida para Bougie foi um exemplo dessa entrega a uma existência em que a liberdade é o único valor em jogo, mais importante para ele do

que o outro lado da balança, que foi a perda das relações próximas com família ou com amigos.

Temos ainda neste volume a revelação de uma peça de teatro que se pode pôr ao lado do que de melhor se encontra tanto em Raul Brandão como em António Patrício, nomeadamente com o livro de contos *Serão Inquieto*, de 1910, para voltar a referir os dois autores que poderíamos equiparar a Teixeira-Gomes. A sua *Sabina Freire* é igualmente um prodígio de invenção e de crítica social, tanto no plano dos diálogos como no das situações. A denúncia da moral burguesa e do patriarcado como instituição assente no meio das famílias burguesas tem um aspeto revolucionário, terminando no chamado *coup de théâtre* que converte a tragédia no que, nas palavras finais, o autor designa como comédia, apesar do desfecho fatal. E a visão da mulher como anjo lascivo é outra das suas provocações que colocam *Sabina Freire* como um dos melhores exemplos desse teatro de situações que, na época, talvez não tenha equivalente em termos de invenção e de jogo com a ambiguidade, para lá do modo como os diálogos fazem viver cada personagem.

E ainda neste ponto Teixeira-Gomes pode colocar-se, com esta sua obra, que foi a única no género dramático, novamente ao lado de dramaturgos como Raul Brandão e António Patrício, que souberam ir buscar a situações históricas ou sociais o argumento para uma renovação da linguagem teatral de que ele é um dos expoentes, apesar de não ter prosseguido essa sua vocação.

Nuno Júdice

AGOSTO AZUL

*Para o meu querido amigo
Henrique de Vasconcelos*

Portimão — março, 1901

A sua fantasia trabalhou em vão, isto é, transviada à verdade; eu estou perigosissimamente enfermo embora o não seja de paixões perversas. Mas o regresso a casa, o silêncio do meu gabinete — neste pacificador ambiente, quase conventual, alguma vez já defumado a incenso e com escaninhos onde outros aromas prediletos se encelaram — trouxe-me quase uma esperança... Tanto basta a galvanizar-me na ilusão duma vida nova! Fruir, parado, o mundo todo — a paisagem nas suas linhas e cores, sem perder movimento algum dos seres perceptíveis que a animam — fruir sem exaltação, saboreadamente — como nas serenas contemplações que adoçam as convalescenças demoradas — sem a angústia da ansiedade juvenil nem os encruamentos da tristeza prevista pela experiência, tal seria agora a minha aspiração ou o meu programa... Complexa e admirável coisa, a vida, caro amigo, tão rica de aspetos diversos e generosos que só, por mais mesquinho que pareça, satisfaça à atividade exploradora de uma longa existência! Para mim sempre haverá quinhão e, agora, à farta, que de pouquíssimo me contento. Alguns aspetos há então, que, embora produto exclusivo da atividade humana, parecem mesmo de molde a servir fases da alma análogas à minha, esses que circunscrevem tudo aos acanhados limites de uma vitrina, recheando-a de fantásticos bibelôs chineses — bibelôs, não, bijus — abertos em cristal de rocha, em lápis-lazúli, na malaquita,

em cornalina, em toda a casta de pedra dura, que à primeira vista nada significam além da sua vã intenção ornamental, mas depois, olhados a preceito, com atenção ponderadora, com interesse, revelam nas formas e atitudes extravagantes toda a realidade instrutiva — vivente — de uma fauna e de uma flora verídicas e irrefragáveis. São estes enigmas miudinhos que eu me proponho a decifrar, procurando atraí-los ao meu campo de visão, espiando-os e espiolhando-os com pertinácia, perscrutando-os ou penetrando-os sem paixão e sem sofrimento, placidamente, muito quieto sempre e poupando-me a qualquer esforço físico. Tudo se presta a meditação gostosa, ou que a memória evoque, acesa pelo tentame de uma reprodução artística, os anjos do Gozzoli, azuis e doirados, as faces cheias, quase esmaltadas, de maçãs maduras, ou que, buscando pelas ilustrações inglesas esses retratinhos ovais de heróis mortos na guerra ou desaparecidos nalgum naufrágio, se estude a expressão composta que eles tomavam em frente da objetiva e se lhes descubra assim algum pressentimento do seu fim próximo e trágico; ou à descrição dos jardins de «Poulo Pinang», reedificar as augustas arquiteturas de outros jardins tropicais onde a nossa melancolia se ampliou a ponto de que nós mesmos trouxemos uma lembrança mais patética... E como seria apazível, de vez em quando, dizer-lhe dessas investigações o que elas dessem, em frase curta e sóbria, levemente embalsamada a fragrância de tomilho e de funcho, que nada perdesse do seu genuíno sabor algarvio! É certo que a toda a inteligência não falta suficiente e digno tema para lhe estimular a atividade, nos exílios mais ásperos ou nas mais dolorosas conjunturas. Como é que isto aqui me não bastaria sendo as sugestões tantas e tão fortes?

Eu li há pouco, num dos escritores parisienses — Paul Adam — que atualmente maior número de sensações desfia, o período seguinte: «A par do pavão, do cavalo, dos efebos anglo-saxões, do oceano furioso arremessando-se aos alcantis da costa, dos fulvos esplendores outonais das florestas, das noites estelares de junho e de certas figuras femininas, devemos ao galgo os nossos mais intensos regozijos de estética perfeita.» Ora de tudo isto e muito mais aqui há; e não era ingratidão desprezar temas que em centros assim requintados contentariam inteligências tão apuradas? A doença esclareceu-me o espírito e a verdadeira razão da minha arrebatada partida foi dar-me pressa em verificar se este mundo sossegado, de puro gozo, existia, e se era ainda tempo de o fruir. A nevrose conceder-me-á tréguas no sério retiro espiritual que encetei sem auxílio

de clausuras místicas ou eremitérios pavorosos. Veja-me sentado e calmo ao fundo daquela extensa rua de parreiras, já todas reverdecidas em oiro transparente, por onde coa uma luz de aquário, quando nos moirões caídos se enredam as grinaldas de roseiras e pelos canteiros, que se debruçam para o mar mais azul do que o mar de Amalfi, os rainúnculos flexíveis e lascivos importunam com as suas carícias os lírios vermelhos, solitários e hirtos. Urgia propor aos meus nervos — prometendo-lhes a paz de uma hora definitiva — a bonançosa expressão destas paisagens.

Lisboa, que é cidade de «sítios» em competência, até, com Nápoles, não está arranjada para que se lhes goze facilmente o encanto. Acodem-me a miúdo à lembrança visões do Tejo que são prodigiosas. Mas só à ideia de as verificar o espírito cansa e se o intenta fazer as mais das vezes será inutilmente: tudo ali se vai encerrando. Porque em vez dessas avenidas com as quais se macaqueiam as cidades do sertão europeu, Lisboa devia oferecer ao forasteiro — e ao indígena — o constante espetáculo do seu extraordinário panorama marítimo e abrir vias espaçosas pelas alturas, com parapeitos dum lado e palácios do outro, correndo sobre os lombos do Castelo, da Graça, da Senhora do Monte, da Penha de França. Construções de um lado só e o outro lado livre, com a balaustrada de uma aérea galeria como somente Lisboa estava no caso de possuir. O passeio à Penha de França, subindo da Sé, seria sem equivalente no mundo inteiro e chegadas ali as carruagens evolucionariam dentro de um grande terraço ajardinado no qual a «Villa Nazionale» se casava ao «Pincio». Eu recordo a última tarde que fui à Penha de França. Era em agosto e a atmosfera enevoadada, mas de finíssima cinza, não de pérola transluzente, baralhava as linhas da larga paisagem. O rio mal se distinguia da terra pela aglomeração de bagos de arroz, de pedacitos de cal, onde se denunciavam a custo as povoações da beira-de-água. A noroeste ondulavam com branduras de feltro as serranias que rematam em Sintra, a qual, orgulhosa e teimosa, sempre recortava o céu com o seu característico desenho, mais agudamente e miudamente dentado no castelo. Um bafo, leve, de brisa joeirou a cinza ténue do Sol que ao declinar jorrava oiro vermelho pelo boqueirão da barra. Toda a bacia do rio, feita um mar, se limpou, se alisou, se esmaltou de preciosas cores e nelas corriam as microscópicas velas brancas das faluas, tão numerosas, tantas, perseguindo-se, cruzando-se, roçando-se, quase sopradas e caídas aos molhos e às vezes tintas de sangue — penas soltas da asa ferida de um cisne... Mas o poente encandeava; a luz oblíqua trespassando a cidade

envolvia-a numa onda de fogo e parecia levantá-la para o céu, aguçando minaretes de cristal sobre colinas chamejantes, explodindo nas claraboias em resplendores de cinabre, despejando cascatas de pedrarias em conchas de movente madreperla...

Aqui, na minha terra, estas maravilhas estão mais à mão e, para que tudo se complete, até os meus patrícios, olhados sem hostilidade, não desagradam, se bem que sempre me pareça a mim que a melhor, a mais interessante, a mais prestável e a mais bonita gente, não a posso eu ver porque está presa de contínuo na cadeia... Entre os fortes rapazes que à tarde voltam da pesca distinguem-se perfeitos exemplares greco-semitas, e enfeitadas e limpas, em dias de festa, não faltam caras mimosas de raparigas. Além disso — à míngua de galgos — os próceres locais passeiam, também à solta, luzindo pompas de fundilhos novos nas calças muito sovadas. O mundo aqui mesmo, nesta redução minúscula, é vasto e muito de subjetivo se lhe ajunta quando, *verbi gratia*, a uma saborosa capela de «ovos reais» lhe damos o nome de «cabelos de anjo» — se frescos são, finos e doirados —, nome que encanta a crianças e a velhos. Daqui recorro sem maior saudade a vida luxuosa das «Rivieras» dos grandes hotéis, onde os ascensores não cansam de levar ao céu braçadas e braçadas de mulheres floridas, que atravessam depois os vastíssimos salões ondulado como serpentes, com todos os escaninhos deliciosos dos seus corpos de gelatina — e, oh luxúria, às vezes também de carne sã —, pescoços, seios, cintas, braços, mãos, defendidos por fechos complicados — as joias maravilhosas em cuja invenção se compraz o engenho dos cavalheiros seus serventes, cavalheiros que já não são cosmopolitas, mas orbícolas...

Parece-me que acertei decidindo-me a repousar aqui; a minha doença é real, é certa e Você que tem piedade me desculpará se não receber tão cedo a «Colónia» que lhe pertence. Eu sei que lhe devo esse conto, porque embora em conversa já lho ofereci e tão cômico estou da minha obrigação que já o escrevi até. Mas na primeira expressão saiu um copioso livro que à segunda leitura ficará em cem linhas, as quais, postas em linguagem, mais tarde, aledarão até dar coisa aproximada ao que eu posso dar — em volume e quilate — mas sempre muito aquém daquilo que eu lhe desejaria dedicar. Eu não sei escrever, não posso escrever. Às vezes penso que isto me vem da pletora, da riqueza do meu pomar de imagens onde me fico horas esquecidas, pasmado, sem me decidir por nenhuma, como criança que tem de escolher na cesta cheia de frutas, igualmente maduras e lindas,

uma só. Mas não é assim, que nenhuma dessas imagens me satisfaz e então eu desejaria bani-las da minha prosa como se fossem vis ouropéis. Escrevo, no entanto, puxando os adjetivos ao seu lugar próprio de modo que luzam e deem brilho à ideia; mas uma ideia que brilha pelos adjetivos enfraquece na sua essência e aí estou eu a sonhar uma prosa decantada só para dizer a ideia na sua secura absoluta. Ora a ideia manifesta uma forma de sentir, uma percepção do mundo externo que deve ser, como ele, omnímota, e então acode-me que o artista exclusivamente viril ou exclusivamente feminino, a quem falte o hermafroditismo intelectual suficiente para destrinçar as sensações e os sentimentos dos dois sexos e ainda idealizar o que seriam os sentimentos no estado andrógino integral, esse artista afirmar-se-á sempre incompleto e quase sempre banal. Com tanta pretensão não é possível dar — de carregado — um passo firme. Atiro com tudo isto a terra e quase enraivecido dispo-me de todo o enfeite... Mas a nudez da alma repugna-me — repugna-me porque é sempre incompleta e falsa — e aí estou eu à busca de folhas de videira para me cobrir... Mas basta de razões, que eu bem vejo que Você me perdoou já se ainda não cumpri. Sendo isto assim normalmente, o que sucederia agora com os nervos todos rebentados?...

Sevilha — abril, 1901

Estava pouco menos de moribundo não há muitos dias e hoje palmilho estas tortuosas ruas de Sevilha a passo estugado e afoito, esgrimindo juvenilmente a minha bengala de oliveira — símbolo da paz — ou, melhor, de zambujeiro — paz armada! É um parêntesis feito de alvoroço, de rejuvenescimento, de alacridade!... Eu bem sinto que a morte me não largou, mas importa isso tão pouco à certeza de que para esta derradeira loucura a consegui açaimar! Fechado o parêntesis falaremos... Agora trata-se de unir as forças que me restam para as gastar com a despreocupação perdulária, o entusiasmo confiado e orgulhoso de um Hércules. É que a metamorfose toca as raias do prodígio: o vinho já me não cansa nem me fatiga o sol! Vivo à mercê de certo olhar de safira puríssima que me transforma a terra toda em uma *grotta azurra*: a minha fonte de Juvença, a minha água lustral, o meu tonel de Malvasia...

— Aqui me tem até à Feira; depois é quase certo seguir para Viena de Áustria pelo itinerário sabido e moroso das cidades do Adriático e dos castelos da Baviera... Novíssima peregrinação *amori et dolori sacrum* de que receberá talvez miúda notícia...

Portimão — julho, 1901

Admitindo que a minha vida lhe desperta sincera curiosidade, como parece deduzir-se das suas afetuosas cartas e das referências lisonjeiras que publicamente me dispensa, vou dar-lhe conta destes meus últimos meses.

Por meados de março chegou-me aviso da vinda provável a Sevilha de alguém que eu amara em tempo. Mas paixão formal, dessas que penetram a alma como na carne mole corta a faca ervada, deixando o organismo para sempre corrompido. Nem a ausência, nem a impossibilidade certa — ou julgada assim — de mais encontros apagaram nos meus nervos a recordação do seu corpo. Mulher singular! Orgulhosa como a dália, foi-me surpresa inefável vê-la inclinar-se para mim um instante; era a consciência desse mesmo orgulho que me frustrava a esperança de a ter outra vez rendida. Mas via-a reaparecer na sua nudez espumante, multiplicando-se por lascivas teorias de ondinas, remetida à criação mítica, em triunfos oceânicos sonhados a datas fixas, e a sua lembrança cada vez me deixava um espinho mais agudo no coração. Eu dera aos olhos sôfregos o regalo de a admirar pela derradeira vez em Inglaterra, mas de longe, no burburinho, no tumulto de uma dessas faustuosíssimas festas de milionários, que um grande artista compusera e dirigira, ordenando, mandando, sem atender a despesas ou empeçar com dificuldades. Ela figurava no quadro final, subindo a escadaria do Olimpo, o pescoço,

o seio, os braços nus, e o resto das ondulosas formas nas pregas de veludo de um verde exausto, endurecido por cordões de torçal de prata fosca e pérolas prismáticas, subindo lentamente, sob o pátio de estrelas, na projeção globular de uma luz açafroada, de poente... Certo poeta comparou-a à moita de manjerona que refluísse em lírios brancos — imagem respeitosa em país onde, no simbolismo, a manjerona corre parelhas com a açucena... Mas para mim ela era, tal como a interpretara o compositor do quadro, a propositada e infalível visão libertadora das almas castas cuja imaginação repelira até ali as afrontas da carne voluptuosa... Os meus nervos ainda vibravam na corrente de sensualidade que sacudira e galvanizara o público dessa noite de triunfo...

A notícia da sua vinda certa a Sevilha seguiu-se ao primeiro aviso com pouquíssimos dias de intervalo — dias de ulceração, mais angustiosos na dúvida sempre renascida do que passados a triturar um desengano... Formara-se-me novamente a mulher atingível na sua carne deliciosa, entre remoinhos de perfumes batidos pelas ondas de rendas das saias leves... Fui a Sevilha e mais do que nunca fiquei assombrado: como se compõe uma figura assim tão fulgurantemente bela e estranha? Se a citação do Botticelli não acarretasse hoje, por abandonada, quebra de dignidade artística, invocaria ainda aquela tão apregoada figura da *Primavera de Florença* para sugerir a impressão que esta mulher produzia. A mesma elegância no porte, o mesmo olhar marejado de luz, a mesma boca cheia de riso e as mãos a espalharem flores... Mas afora esta aparência de sempre, como que adotada pelo afinar de irrefragáveis analogias plásticas, essa criatura possuía no olhar, nos gestos, nas atitudes, todo um infinito mundo seu — somente seu — de embevecedores encantos...

Perdê-la, como eu a perdera, seria decerto uma pungente amargura de que a vida guarda o perdurável selo, mas perdê-la depois de a supormos absolutamente nossa, que mortal tribulação! Eu nem lhe provara a malvadez... Mas ainda oíço o clamor daquele amigo meu que ela traíra e ludibriara, clamor de impotente vindicta, mostrando bem o preço em que a tivera: «Segurá-la pelos cabelos e meter-lhe unhas de ferro por debaixo do queixo e assim como quem pela uma laranja arrancar-lhe as feições deixando-lhe a caveira ensanguentada à mostra...»

Assim como no olhar dos felinos a habitual indiferença se esmalta, ou, na morna atonia habitual, relampeja uma intensíssima expressão de agudeza, assim algumas vezes lhe percebi nas pupilas a chama acesa de um

auto de fé infernal cuja crueldade me fizera estremecer... Mas eu correria de bom grado todos os riscos e a sua vinda a Espanha até me parecia de absoluta urgência artística, sendo todo o meu empenho procurar-lhe, ali, cenário apropriado, o quer que fosse de fantásticamente sumptuoso, uma arquitetura em roldões aéreos de figuras heráldicas, armando em arcos de cinco pontas, sobrepostos, com pingentes de estalactites esmaltados e gemados; uma arquitetura acomodada aos vestidos roçagantes de brocado de ouro, às couraças tauxiadas, e às tapeçarias flavescentes; um «Palácio do Infantado» em suma, que todo correspondesse às pompas do seu régio pátio e da sua doirada galeria de linhagens...

Mas Sevilha nunca me foi propícia e mais uma vez os prelúdios embelezadores de um incomparável poema se volveram ali em prólogo de tragédia horrorosa... Passámos uma semana sentimental de absoluto encanto; passeávamos de noite, sozinhos, nas Delícias, e embora à luz da mais cinerária das luas o seu rosto suave quase se desbotava funestamente, e mau grado o sinistro fulgor que a miúdo lhe acendia nas pálpebras levemente tingidas a *kol* o olhar coruscante, eu gozava, confiado, a esperança de ver a breve trecho completa a minha ventura... E quem não sorriria de tão vãos presságios quando o único obstáculo, o empeco desculpável e atendível, marido, amante ou o que fosse, pantafaçudo e acomodático, não somente lhe dava liberdade plena mas prometia eclipsar-se discreta e totalmente? Projetámos um mês inteirinho de Veneza e todo o Estio nas montanhas do Tirol... Vai ouvindo o romance, não é verdade? Pois subitamente ei-la às portas da morte presa da febre tifoide que a deixou esfacelada e idiota. O homem pantafaçudo e acomodático — herói de bondade inviolável na constância do seu culto — lá abalou uma noite no expresso de Madrid levando aquele montão de carne tábida em que se tornara o corpo venusto a cuja lembrança eu sinto que se me despega o coração e um ferro em brasa me atravessa o diafragma...

No cume desta crise depara-se-me uma francesa fabulosa... — não zombe, Sevilha inteira andava alvoroçada por sua causa e o poeta Correia de Oliveira, meu confidente nessa fase de excedentes amarguras, que também a contemplou, acaso a cantar um dia embora elegiacamente... Ainda acreditei na Providência compadecida a delegar-me aquele anjo consolador, caído a pó de arroz com faces de manjar branco... Novas torturas foi quanto ela me trouxe! Essa beldade, que o povo saudava na rua com requebros eróticos e cuja aparição na praça de toiros era aclamada

com delírio e que durante a Feira os elegantes, indígenas e forasteiros perseguiriam fascinados, invejando-me a glória de a levar pelo braço; essa fonte de celestes amavios era exclusivamente sáfica e sáfica inapaziguável...

*Un angel venia
per darli alegria
se'n torna plorant...*

recitara eu mentalmente ao nosso primeiro encontro; e era eu quem conduzia o anjo aos bordéis, compassivo ao seu vício, em busca de mulheres que lhe servissem...

Voltei a casa mais filósofo do que nunca. Estas novas lições da vida induziam-me a meditações expiatórias, exilando-me de toda a atualidade perceptível; e porque urge nas minhas crises de desengano procurar algum refúgio de arte onde entretenha a imaginação, acolhi-me ao mistério das catedrais góticas e outra vez retrocedi à admiração da Idade Média... É inverosímil como tudo isto se mistura! Assim pode ser na realidade, tanto mais que eu trouxera comigo uma febre capaz de cimentar os máximos desvarios. Estive algumas semanas de cama ingerindo inutilmente a riquíssima coleção terapêutica dos antipiréticos. E mais ou menos febricitante louvava naquele imenso esforço comum artístico, para levantar e enfeitar os seus inconfundíveis monumentos — porque as catedrais góticas são os mais belos padrões da glória humana — a invenção de tanta maravilha, como os vitrais — tapeçarias translúcidas — os sinos — voz plangente, grave, amplíssima, para dar rebate às consciências — e os órgãos — harmonias das tempestades trazidas aos templos e aprisionadas como Himalaias em redomas de cristal... E nas horas de delírio eu também levantava catedrais em desenhos onde a minha fantasia, por cândidas subjunções de formas subjetivadas, na ingenuidade do meu espírito infantilizado, aniquilava, atenuava, ou sublimava o conflito de elementos incompatíveis... E saía em peregrinações, sobraçando os meus projetos, a solicitar príncipes e repúblicas que lhes dessem aplicação, mas sem insistir, mais do que tudo animado pelos mesmos sentimentos que nos agitam durante a mocidade e nos incitam a brilhar, só por brilhar, inutilmente, provocando a atenção num brilho de mau gosto, mas forte e violento e que incomoda os espectadores... Era mal recebido por príncipes e repúblicas, como bem imagina, e a febre não acabava...

Ocorria-me então, e a miúdo, a sua «Colónia», mas quando o pensamento forcejava por fixar contornos, cores, conjuntos que se prendessem à realidade, baldava-o invariavelmente uma visão quase terrificante e sempre a mesma. Em vez do abrolhado florear aéreo das composições góticas, rastejavam-me na imaginação séries extensíssimas de docas vergastadas de chuva oblíqua e cozidas em carvão, o solo todo arregoado ou descascado sob a rede intrincada dos carris de ferro, coando-se nas encruzilhadas por boqueirões de alpendres infinitos, à margem de mastreações cuja espessura de floresta parecia acoitar sombras elefantinas, sacudindo trombas de fumo e fogo... Os urros das sereias com que os transatlânticos alarmam e sondam a cerração, soavam temerosamente, exasperando-se longe, muito longe, até ao uivo lamentoso...

Começo agora a entrever o porquê destas substituições inconscientes e inevitáveis e empreenderia explicar-lhas se o flagelo de calores a que o Algarve vai sucumbindo me não delisse a vontade. É que é pavoroso e toda a inventiva se esvai na tarefa de lhe mitigar os horrores! Sonho a delícia de me sepultar, vivo, dentro de uma amorangada melancia... Vale-me a presença do mar e só posso pensar no mar... Que grande castigo seria passar sem ele! Eu não vivo contente em sítio donde lhe não veja luzir o azul por entre as árvores... É um segundo céu mais sugestivo por certo do que o outro. A gente do sertão não tem mais do que um céu, e o mais pobrezinho... A proximidade do mar é o único lenitivo possível à torreira do sol e a aragem que ele bafeja torna-se a bênção do verão. Era dever meu, preferindo tudo, celebrar condignamente o gosto de comer fruta dentro dum bote, à sombra do toldo branco, no mar do Algarve, e encarecer esse mar nos seus múltiplos aspetos e nas risonhas cenas de que é o duradoiro teatro iluminado, mesmo quando feito ria, na calma dos estuários monótonos. E nem para o grato tentâmen me chega o ânimo!... Eu queria que Você visse ontem, do mirante do meu jardim, quando enchia a maré, um iate que largava o pano, pronto a partir. Era um barco novo todo pintado a verde-maçã com filetes brancos ao longo da amurada, acharoadado de verniz fresco, leve, gentil, a arqueada curva do casco saltando na superfície polida da água e o seu lindo nome *Cysne* gravado a oiro em cartela cinzenta — com um i grego para o fazer mais sinuoso — a mover-se quase na volta da popa. Os rapazes que tomavam banho no dique e que se atiravam nus, em séries de palhaços, da primeira ponte abaixo, trepavam-lhe pelo costado e outra vez em séries de palhaços deitavam-se à água da ponta do gurupés...

Mas o movimento que se concentra nestas e noutras cenas pitorescas mais aviva no quadro geral o seu carácter de imobilidade e preguiça onde se funde a minha própria indolência e o meu infinito desejo de quietação... Pois é na estagnada calma deste ambiente, no enervamento da natureza sonolenta, que os meus sentidos atingem o máximo de agudeza — como em certas fases da embriaguez — e, mau grado a inércia dos dias candentes e das tardes abafadas, eu provoço as linhas a desinvoluções prodigiosas na harmonia e na pureza do desenho, ao passo que a orquestração das cores se ordena lentamente no fundo repousado do meu cérebro por sinfonias magníficas... E o quadro aqui é invariavelmente feito de elementos fluidos — céus e águas cetíneas espraiando-se por vagarosas curvas de elipses nunca fechadas — instilando nos nervos carícias de uma suavidade tal que tornam plausível a conhecida aberração poética: «Sítios há no mundo tão cheios de encanto sensual que é possível amá-los com o amor físico.» Na exageração do objetivismo esquecemos a própria existência e abdicando insensivelmente da necessária individualidade casamo-nos ao mundo externo como um perfume regressa à flor... Eis aqui o encantamento que o Estio, nas intercadências dos seus tormentos, me pode suscitar ante as paisagens da minha terra e não era entoando hinos de gratidão que eu iria turvar semelhante beatitude, mas revivendo sensações de abandono, de frialdade e de nevoeiro?...

Portimão — outubro, 1901

Li com agudíssimo prazer a sua última carta e compadeci a dor das suas melancolias, atenuando-a na experiência do lírico:

*... que não há ninguém
que possa sofrer um mal
sem se lembrar de algum bem...*

Ainda é do melhor que nos resta essa faculdade de forragear nas próprias mágoas, agora que a nossa mãe espiritual — para mim renegada — a França entendida, vai dançando rondas oficiais em volta da estátua do Paulo de Kock. Estercorária gente! Mas tornando ao que me escreve. Reparo sobretudo no seu desalento literário quando — e digo-lho convencidíssimo — ninguém com mais fundamento do que o meu amigo pode pretender à expressão exata dos sentimentos requintados e das impressões cromatizadas dos seus contemporâneos. E no que é propriamente a sua essência de artista cativam-me as cintilações de um espírito no qual tudo se refrange em cores ardentes ou se exala em labaredas de volúpia... Eu gosto das arestas e dos relevos da sua prosa: é viva. Nela repouso da fadiga subsequente à leitura daqueles habilidosos que desossam a linguagem e a cozinham com tal arte que lhes sai o estilo em geleia. E depois vêm os

manes do grande Vieira a coçar de enfiados as moleirinhas, tão catita é o boleio que julgam ter dado à prosa babada...

É bom ter escrúpulos, mesmo quando há engenho bastante para, sem mais esforço, envernizar velharias, insuflando-lhes de pronto manhas novas — corrente processo artístico dos mais aplaudidos — e é bom ter escrúpulos especialmente para discriminar o que nos pertence e dizê-lo seja como for... Mas compreendo muito bem essa dolorosa incerteza em cérebro de ascendência latina... Reflita e console-se. Hoje é pretensão vã aspirar à plasticidade dos antigos — não que eles não escrevessem como queriam e entendiam e que não esteja averiguado que, *verbi gratia*, nunca existiu o «latim literário» com o qual nos embaíram — mas a simplicidade das ideias, junta à ingenuidade das imagens, facilitava a eurtímia dos períodos. A esta nossa existência inquieta e à hiperestesia que nos tortura e quase nos diviniza nenhuma forma arranjada quadra. A prosa desarticulada e doída, sem exclusão até dos exercícios claunescos de um Mark Twain!... De resto o estilo não é e talvez nunca fosse mais do que a tendência constante para uma perfeição pessoal, a exclusiva maneira, rude ou elegante, de exprimir que satisfaça o escritor... e quem nada tem que dizer também não tem estilo algum... Por isso eu nunca pregaria revoluções artísticas — tão conforme estou com todos os gêneros, ainda os mais contraditórios ou heterodoxos, quando me sensibilizem, como se diz no já ferrugento chavão —, além de me parecer que pregar «estética» será pregar eterna e desesperadamente em deserto inóspito... mas o assunto é encantador para íntimas palestras! E muito à puridade lhe direi quanto se me afigura condenável que as regras ponham estorvo ao apreço de qualquer talento... Cuido até que um talento pouco literário pode ser mais proveitoso à riqueza da língua do que o mais ponderoso e versado humanista. Não faltam exemplos históricos de línguas empobrecidas por excesso de claridade e ressecadas à inclemência dos preceitos infrangíveis, que necessitaram de muita «corrupção» para desferir na íntegra a gama dos meios-tons, onde a cor se conjuga ao sentimento, e, despedada a ideia da rigorosa propriedade dos termos, fermentaram em frases iriadas que, alargando a vida, sugerem sensações inefáveis... Em geral a «corrupção» não vai além dos alisados rebocos, e severas escaiolas mercê das quais os espíritos gregários sequiosos da disciplina grata à pânria acadêmica ousaram mascarar as formas libérrimas, ou tentaram empecer os movimentos do organismo ativíssimo que uma língua viva constitui...

Mas o nosso país é exceção a todos os mais e bem podemos, caro amigo, abençoar a sorte que nos fez portugueses... Sem literatura de espécie alguma, nem boa, nem ruim, nem aberrativa, nem moral — singular caso de desagregação onde gorgulham literatos —, é o campo sonhado para luzir todas as audácias; podem-se lançar à terra quaisquer sementes que a sua vegetação nunca tolherá o passo seja a quem for... O poeta contempla-se no gesto lindo de as espalhar e vem muitos anos depois encontrá-las tais quais as deixou e tão bem conservadas que, se quiser, as recolhe de novo para as levar consigo à sepultura... É um país onde anteriormente ao soneto do Baudelaire «Correspondências» o Castilho das maviosíssimas prosas escrevia sem sobressalto para ninguém: «o A é brilhante e arrojado; o E ténue e incerto; o I subtil e triste; o O animoso e forte; o U carrancudo e turvo. Se ousássemos não temer o ridículo compararíamos o tom do A à harpa; o do E ao machete; o do I ao píforo; o do O à trompa; o do U ao zabumba.» Isto já corre mundo passa de meio século sem causar o mínimo alvoroço; na população francesa de hoje ainda os versos do Rimbaud

*A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes.*

produzem mais estragos do que os cães marfados... Como não exista entre nós o corpo compacto de uma literatura mais ou menos autóctone e consistente, excrementando oficialmente para o público, este sucumbiu de inanição e já se pulverizou... Assim os nossos homens de letras, mesmo os matriculados e autenticados, vivem no isolamento astral, alumando uns para os outros, sem mais intuito além de conseguir que lhes reconheçam títulos suficientes à gerência da «Vernaculidade» e com mil filactérias judaicas insinuam, à míngua de provas artísticas, em críticas autobiográficas, a supremacia dos seus respetivos talentos — pulcritude nas boas contas, arminhos de folha corrida e preservativos de catecismo —, estiando-se nos louvores interesseiros de outros engenhos igualmente primazes... Para acentuar o cunho de tradicional lusitanismo aparecem ainda à antiga, quase transparentes, forrados por sobrecaçacas puídas, a palitar os dentes, não dos restos de saborosos acepipes, mas somente das musgosas vegetações que rompem no empedrado das calçadas por onde nada passa...

Quando o grande Camilo os almofaçava é que se podia ver quanto eles valiam... Mas o grande Camilo também, e a miúdo, se socorria nada

airosamente do pretexto da «Vernaculidade», já nas injustiças da louva-minha frutuosa ou complacente, já na crueza das flagelações acintosas... Fora da «Vernaculidade» estarecida no terror perpétuo dos barbarismos e dos solecismos e cada vez mais gelada mau grado as carícias dos simiescos adoradores que ela emascula, a Vida entumesce e rola impetuosa, comovente, caudalosa, numa torrente inflamada de expressões coruscantes onde a língua eternamente se retempera... Na torre da «Vernaculidade» as urnas onde se guarda o tesouro da língua regurgitam de pedras falsas ou que, pelo menos, se despoliram e perderam o brilho como turquesas cloróticas e o que há ainda a admirar na indigência estética do nosso torrão é a obra de alguns raros espíritos que dela se evadiram ou a ela escaparam, como o generoso esforço de quem evolucionou das juvenis truculências líricas de um sublime romantismo, na «Morte de D. João», até à síntese leonardesca da «Canção Perdida», ou esses trechos de prosa onde ao aflar da mais estonteadora fantasia a carne e o sangue do Fialho palpitam com toda a excelência da sua luxúria... Eu desejaria que a «gente nova» indiferente à «Vernaculidade» deixasse os seus bonzos entorpecer em paz, pois lhe não compete curar da sua higiene; convém-lhes fugir à sorte das pobres meninas submissas que vão desgrenhadas e ainda estrovinhadas, matinalmente (ou noturnamente) aparar as unhas dos fétidos pés de seus grosseiros pais que já mercadejaram nos sertões africanos e graças ao engodo das riquezas nunca partilhadas as vão estiolando e tiranizando com preceitos odiosos

.....

A sua «Colónia», após vicissitudes várias, às quais no entanto a literatura foi de todo alheia, fixou-se tal qual aqui lha mando. Colaboraram nela talvez também um pouco as minhas febres de Sevilha e os elementos de que me servi eram de tal modo heterogêneos que a amálgama indispensável ao acabamento da obra de arte não se produziu. Saiu basta e pouco sólida... Mas tocar-lhe outra vez seria correr o risco de a ter de refundir e não creio que o resultado compensasse a fadiga de arranjar moldes novos, visto não saber já por onde param os servidos... Preferi conservar-lhe a forma bárbara que adotara primitivamente e, ainda para mais lhe realçar a aparência rugosa, o ondeado da feitura, cingi-lhe um ornato de sóbrio, nervoso e nítido desenho... E não me pareceu desacerto dar à experiência o nome do reagente: *Agosto Azul*...

I

Eu era novo então, forte, petulante, fulgurando a miúdo em súbitas exultações, na plena fase de herói, orgulhoso, dominando a vida e gastando-a com fausto, perdulário sibarita que a sorvia, sorrindo, nas aparências luxuriantes e a sugava até à essência saborosa ou amarga...

Mas aprazia-me viver a minha vida e a meu modo, imperterritamente livre no vastíssimo jardim sem barreiras da minha solidão e, se por entre multidões — ainda mesmo nos tumultos de Carnaval, quando a alegria é pública —, enclado como um alquimista que decantasse idealizações.

Chegavam-me porém momentos mofinos, de soçobrar em cativeiros...

Foi assim que, na Bélgica farta, farfalheira, emoliente, sempre avessa à expansão individualista, se me tolheram uma vez os ímpetos de visionário.

Degradado de paladino a peralta, resvalara rapidamente pelas suaves ladeiras da «existência doirada» ao aquário das elegâncias e das modas, brioso nos frisados do bigode e encalamistrando também o espírito com desvelos que só iriam bem a cabeleiras postiças e de saca-rolhas...

E aceitava a lamentável situação dando-me ares tão superiores na minha roda habitual de patetas envernizados e marafonas espaventosas, que tudo me parecia prova e pretexto a glorificar-me.

Às *Beatitudes* do César Franck antepunha ceias de composição desusada ou exótica nos restaurantes caros; um nó de gravata era-me indício

de tragédias mais sanhudas ou apoteoses mais aureoladas do que mesmo aquelas que se transluzem nos pequenos bronzes do Constantino Meunier; e já me parecia que a tesoura de Monsieur Jacques, alfaiate diplomado para diplomatas, superava a pena substanciosa do subjetivo Maeterlinck.

Mas refletindo agora com indulgência, ou ainda, ponderando os factos com rigor, descubro atenuante e formal aos meus erros de então... É que eu — além da extrema mocidade que de per si só tudo explica — andava namorado, varridamente namorado da minha amante — flamenga exubérrima com muito sangue queimoso espanhol nas veias — que era excelente na plástica e tinha os seios como cidras, embalsamando até, à imitação dos perfumados frutos. Nos meus lábios havia sempre um relento dessa fragrância...

A minha amante, a minha Cristina de génio mau, soltava os cabelos negros cujas madeixas se enfiavam sobre o meu peito e fitando-me com os seus olhos de um profundíssimo azul noturno prendia-me de corpo e alma...

A impressão dessas madeixas na minha carne continuava durante o dia a posse que o encantamento da noite originara.... de noite, quando se me facultava o incalculável tesouro que era o seu corpo!... A seu lado sonhava que de novo conquistara Granada e sobre bandejas de ouro maciço eram as madeixas dos seus negros cabelos que os vencidos me ofereciam de joelhos... Essas madeixas desatadas, na alvura dos flácidos travesseiros de penas, enroscavam-se e armavam ninhos de serpentes onde os meus braços nus mergulhavam arrepiando-se num terror de volúpia mortal...

Os seus lábios fundiam dulcissimamente ao calor da minha boca... E para acalmar a febre que me consumia bastava chegar aos meus lábios as suas mãos viçosas, os cachos de frutas cor-de-rosa que os braços — caules de neve — agitavam...

De todo o tesouro a joia principal era um lunar castanho por cima do seio esquerdo, brilhando na pele lisa, ao arfar do peito ou ao pulsar do coração, com reflexos de seixozinho imerso em água corrente cristalina...

De uma cultura intelectual menos de medíocre, mostrava-se exímia em qualquer variedade de *sport*: esgrimidora respeitável, audacíssima na bicicleta, feroçíssima ao piano... mas sereia nas atitudes, sempre...

Ambulante jogo de eurtimias a que só faltava a consciência exata da sedução que espargia para ser completamente rainha...

Era para não perder aquele tesouro que eu me atascara nas exclusivas preocupações da moda e lhe tolerava, à minha preciosa Cristina,

o espetáculo amiudado e custoso da sua gula, vendo-lhe sem asco os beiços rubros e grossos a luzir com a gordura das aves recheadas que avidamente tasquinhava e, por fim, tão calejado já que nem tão-pouco estremecia ao cascalhar das suas frequentes gargalhadas, forçosamente intempestivas...

Mas como o tempo nunca passa debalde, comecei a cair em mim ao cabo dalguns meses e o sorriso parado e enfasiado — o sorriso de dândi — que adotara a princípio com requintada afetação para compor a fisionomia e segurar o monóculo, tornou-se expressão verdadeira do estado da minha alma.

Em tal conjuntura recebi, com júbilo, de amigos meus de Paris, convite para irmos juntos a Ruão assistir à primeira récita que em cena francesa se deu do *Lohingrino*.

Habitando ao norte da França era-me o Wagner já quase familiar, mas o Wagner romântico no cenário gótico de Ruão, escutado na comunhão estética de almas pares e por igual abrasadas em arte pura, cortava deliciosamente o marasmo da minha vida crassa que os próprios requintes faziam mais saburrosa... Além disso fugia às enervantes carcachadas, ascendentes e descendentes, da minha Cristina...

Telegrafei aceitando e recusei com inesperada firmeza a companhia da minha amante, a qual se vingou classicamente num desatino de faniquitos ininterrompidos até à hora da separação.

Não vem para aqui descrever a figura e o génio — o talento — dos três artistas que foram meus companheiros de romagem, mas seria imperdoável perder o ensejo de lhes tocar levemente as linhas essenciais.

O pintor sabe fixar materialmente a parte que, na vida objetiva, pela sua fulgente instabilidade melhor a reveste de ilusão poética: as quase inapreciáveis modulações do crepúsculo — nas síncope da luz ou quando a luz se anuncia pululante ao primeiro grito da manhã —, tudo quanto, enfim, transparece de mais fugaz, mimoso e vário nos movimentos da natureza... Mas ele dilui as linhas em cromatizações finíssimas sem que por isso os corpos se imaterializem ou a vida pare. A ilusão sentimental que apenas dura momentos, furtando-se aos nossos mal depurados sentidos, ele a colgou para sempre em pedaços de grosseira tela... Os seus quadros são o comentário sagaz, a revelação perfeita do lirismo que toda a realidade encerra...

O músico, habilíssimo na sua arte, compositor arguto mas intérprete extremoso e admirativo por temperamento, tudo sacrifica à mais efémera

das expressões divinas: o canto. Nenhuma outra voz tão insinuante como a sua me penetrou e embalsamou até agora a alma! A sua voz: instrumento sobrenatural cujo poder arrebanha os ouvintes e lhes aniquila a vontade, impondo-lhes a alegria, o riso, a dor, os soluços, melhor do que um médium de hipnose gregárias... Na intimidade e à simpática vibração uníssona de uns quantos espíritos compreensivos, essa voz flui e floresce em arrebatamentos de um lirismo todo em lírios altíssimos, vergando ao sopro de tufões de aromas... O canto, a voz! Magia evocatriz de dissolventes curvas perfumadas!...

O escultor vivia à semelhança dos místicos na excelência da contemplação, fecundando a alma de trágicas sugestões pungentes, apoleando-a por maceração na amargura para a esquadrihar com mais proveito e manifestá-la depois nas formas exageradas e admiráveis que engendra. Casto — em Paris e quando as mais formosas e inteligentes e ricas e prestigiosas mulheres tentavam com ardis demoníacos fruir-lhe a mocidade —, trabalhando sem repouso cinco anos a fio, voluntariamente sequestrado de quantos deleites o público encarece, edificou a obra-prima — à qual o sumptuoso cortejo de estudos estelares deu redobrado fulgor —, o grupo que o Rodin invejou para a sua obra, «a matéria avassalando o espírito», valorosa concentração de uma força ilimitável e incotejável que não topa catástrofe suficiente para lhe ser tradução lídima...

Frank Holman, Charles Holman-Black, George Barnard, que três profundos espelhos da vida, tão curiosos, para estudar! E tão diversos; iguais só na ternura afetiva e nessa perfurante agudeza de intuição — a garra da arte — que se exacerba à indescritível ansiedade de levar a todos os mistérios a luz que os desvenda e os resume em beleza humanizada e palpável...

Pelas reminiscências — deliciosas para mim só — sempre devaneadoras e desproporcionadas, que apenas abraçam os fantasmas da minha realidade, não lograriam por certo as suas imagens tomar relevo bastante.

E no entanto comodamente as reproduziria eu; modelando-as com todo o vigor a que teriam jus, se houvesse guardado quaisquer flagrantes extratos do que as suas inteligências discorriam na liberdade da nossa união perfeita, num período largo de inspeções a palácios, a museus, a jardins, a florestas, ou após as audições dos mestres justamente consagrados e daqueles injustamente esquecidos ou diminuídos, ou nas breves viagens de estudo — mas sérias explorações artísticas — em visita às velhas catedrais francesas...

E ainda melhor do que tudo as mostrava na sua encantadora ingenuidade esse dia de fervorosa incitação em que fomos, juntos, ouvir pela primeira vez o *Lohingrino*, se desse dia houvesse a crónica fiel e miúda.

Hoje que toda a gente melhor ou pior se exaltou ao calor das chamas sonoras com que o Wagner ilumina a sua alma épica, será fácil medir o alvoroço de quatro corações em plena juventude, indo à mais gótica das cidades comungar no que era ao tempo símbolo exclusivo de uma absorvente religião...

Imaginava-se a música do Wagner amadurecida na «floresta das harmonias» ao sopro das rajadas sinfónicas do Beethoven — coadas nos oratórios do Bach — com o sabor mais naturalista de fruto sazonado e de modo a contentar cabalmente uma verdadeira, generosa humanidade...

Mas não faltaria talvez quem representasse pelas palavras que proferimos nesse dia memorável quatro perfis de insensatos! E então se nos vissem os gestos, a veemência, o transporte com que buscávamos, finda a audição que fora de dia, completar, fechar o círculo das possíveis emoções, ainda com o cérebro amotinado por fragmentos coruscantes, fitas de fogo solto das tempestades desencadeadas na orquestra à conflagração pavorosa dos instrumentos de cobre...

Corremos à cidade antiga atravessando as ruas por onde ainda se empinam as vetustas edificações normandas, ampliando-se no ar sobre barrotes de madeira esculpida — braços estendidos sobre os quais cada pavimento sustém os andares superiores; e passando pela Igreja de Saint-Ouen demos-lhe repetidas vezes a volta exterior, devagar, deliciando-nos com a vista daquela aérea e eriçada construção, erguida em ogivas esguias na ramagem das nervuras, sem paredes, entre cem pináculos e coruchéus, amparada aos botaréus lavrados que se reforçam em arcobotantes de imenso raio, fincados no chão como pernas de santola. De qualquer dos lados o conjunto é fantástico, mas olhado da abside tudo parece sair da terra para criar um fabuloso crustáceo levando às costas a airosa torre de marfim, toda aberta e recortada, que transparece nas alturas através dos bordados de um tenuíssimo véu...

Depois, rapidamente, tocámos em Saint-Maclou, cuja base pentágona, aberta em grutas mitradas de vazados triângulos de pedra, rompe com os cinco dedos de uma colossal mão chinesa soterrada, levantando com as unhas pontiagudas, entre brumas e arrendados, outra torre de cera ainda mais diáfana do que a de Saint-Ouen, mas rematando em flecha altíssima

de arestas abrolhadas, que prendia as nuvens às madeixas, armando-as em estrigas de fiar...

Por estas duas adoráveis estações nos preparámos ao previsto, desejado deslumbramento; em frente à catedral demos por finda a romaria e ali lançámos ferro com regozijo muito comparável àquele que os Argonautas experimentaram ao varar o seu barco na praia da Cólchida.

Era quimérica e de uma irreproduzível magnificência aquela renda tão larga e tão alta, segura aos lóbulos de ogivas isoladas, entre duas torres de aparência efémera.

Coroadada por um trifório de relicário, mais subtil ao centro na rosaça desmesurada que a vai roendo, com faixas de enfeite transversais, miúdas galerias corridas sobre carrancas de gárgulas — galerias de tão leves e recortados alvéolos que poderiam ser obra de abelhas ou trabalho de agulha — e, entre sabastos iluminados, os três pórticos profundíssimos da base a gorgulhar na inquietação de multidões repartidas — como nas velhas tapeçarias — em grupos de figuras moventes, a fachada do templo parecia agitar-se brandamente na sua realidade de prodigioso tecido, pendente ou ajustado aos relevos de um imenso cofre comido de laçaria. E para tornar esta impressão mais intensa — assim ao melhor quadro o caixilho ajunta força —, aumentando a ilusão de teia imponderável que se rasgava nos relevos de uma arquitetura falaz, lá estava o triângulo de pedra vazado, assente no pórtico central, que sobe pela fachada desamparadamente, alcançando-lhe quase o trifório onde remata...

Esses triângulos do gótico ruanês tão característicos e fantásticos, bastidores de pedra onde às vezes se prendem as largas malhas de uma rede de filosela, emolduram os mais lavrados trechos dos monumentos, despegando as camadas de ornatos, com efeitos estereoscópicos, por gloriosas perspetivas...

Minguava a luz, cerceando as torres; agulhas e florões das alturas empastavam-se de betume escuro; mas a torre da direita, em golpes ascendentes de ogivas lanceoladas, via-se crescer e subir para o céu entre os gigantes espigados...

Pouco a pouco, no crepúsculo cendrado daquela breve tarde de inverno, torres e fachada se foram emaranhando, retraindo, dissolvendo, por gradações de musselina e fumo — pouco a pouco —, ao som das derradeiras harmonias soluçadas pela orquestra a esbaterem-se-nos na memória, vagas, largas, infinitas.

A música, herdeira legítima de tanta maravilha, absorvera-lhes as formas e já noite cerrada ampliava-lhes a desvairada efloração por volutas e arabescos mais caprichosos e arrojados, nas rápidas mutações da sua arquitetura imaterial...

Arquitetura e música pareciam revelar o mesmo sentido esotérico.

Nasceu-me então a ideia de que a música seria a moderna expressão possível das catedrais góticas, e, dado como a alma alemã melhor do que qualquer outra nela se expandia, entrevi na Alemanha a depositária legal do génio gótico — ilusão que, de resto, se casava ao conhecimento que eu livrescamente dela adquirira e tinha por definitivo...

Foi em tal revelação que se me levantou subitamente o espírito, logo ateado nas labaredas do entusiasmo...

Exultei; mas tão sinceramente que ainda agora, para o dizer ou lembrar, se me acode qualquer ironia mesmo benigna ou anódina, a tenho por injuriosa e mortificante.

Figurou-se-me a existência frustrada até ali só porque não estudara, nem visitara nem sequer pisara uma vez essa Alemanha que descobrira, a verdadeira Germânia das pujantes epopeias: o *Titurel*, o *Lohingrino*, o *Parsifal*!

E com que força não conclamávamos nós os quatro estes nomes sonoros na escuridão da noite, à janela do nosso vagão, na volta a Paris, estendendo as palmas das mãos ardentes aos flocos de neve impoluta que envolviam o comboio em cerrados enxames de silenciosas abelhas brancas...

O regresso a Anvers foi doloroso e de uma particularíssima melancolia à qual a presença da minha amante nenhum lenitivo era. Antes a exasperava...

Fizera-se-me outra, a minha grande Cristina, mas absolutamente outra. O resto desse inapaziguável desejo que a lembrança do seu corpo me inspirava desfizera-se ao sopro das místicas espiritualidades que me empapavam a alma e a minha febre de idealidade não se compadecia com a planturosa, a glutona, a risonha, a grosseira, a material — a gostosa! — Cristina que ela realmente era...

Apagado o meu desejo desenfeitou-se por completo e foi tal o desastre que logo à primeira entrevista, se lhe sondava o pensamento, perscrutando através dos seus olhos de um tão profundo azul noturno, era na esperança de que a minha imagem lhe houvesse largado o coração... Temia-me de a encontrar ali como de ver o meu retrato em lugar conspícuo da sala de um bordel...

A roda composta pelos meus habituais companheiros fechava-me o horizonte a qualquer perspectiva espiritualista: eram na maior parte elegantes e pletóricos oficiais de cavalaria, orgulhosos da sua própria prosápia comprovada por mil pergaminhos lindamente iluminados e fora daí indolentes para o que não fossem bailes, cavalhadas, champagne e meretrizes...

Alguns — e não dos melhores — esperavam-me para jantar e, como de costume, de conserva com nossas respetivas damas levámos a noite inteirinha pelos bares que inçam Anvers de meninas estimulantes, industriosas e compassivas, na vizinhança da gare. Os mesmos ditos insossos, a mesma expressão dissaborida nos rostos vinosos, a mesma cerveja remá de sempre, os mesmos silêncios de urubus repletos rompendo-se a largos intervalos no fracasso das risadas automáticas, repenicadas sem convicção nem oportunidade...

A noite foi portanto plúmbea para os meus nervos, e cheia de abstrações e alheamentos que irritaram soberanamente a minha Cristina.

O nevoeiro pesava-me, doía-me, quase me soldava os pulmões; sentia a alcateia dos trinta e um dias gélidos daquele mês de dezembro que principiava, a perseguir-me, com os seus colmilhos de neve, tocando-me já na carne, e, mais penosa ainda do que qualquer outra sensação, atormentava-me a penetrante nostalgia das altas paisagens alpestres — eu que tivera sempre as montanhas na conta de insofríveis cárceres! — ao contraste da terra chatíssima que me cercava, a infindável planície da Flandres, sem panorama e onde nunca se avista o mar, mesmo quando o mar esteja ali logo ao pé...

De entre as pouquíssimas palavras trocadas, a imaginação esporeou-se nesta conversa ridícula:

— E Ruão, que tal?... — inquiriu um amigo.

— Gótico...

— Tudo gótico então... tal qual Anvers! A Bélgica toda: gótico; toda a Inglaterra: gótico; Colónia: gótico...

— Colónia?... já viste?...

— Eu!... decerto... Assombrosa a catedral, meu caro...

— A catedral?... nada!... assombrosa, pasmosa, inverosímil, a gare que lá estão construindo; isso sim, meu caro, isso é que é sem rival no mundo!... Em comparação a catedral pouco vale... — atalhou outro amigo.

— A catedral de Colónia do João Maria Farina?... — rematou *espirituosamente* a minha amante.

Passava já da meia-noite quando deixámos o último bar onde fôramos em busca da «bela Liska» — a húngara — que ficara de cear connosco. Ali perto e junto à gare observei que me parara o relógio e entrei para o acertar.

Havia dentro o burburinho, o quase tumulto, especial agitação que precede a chegada dos grandes expressos... — É o expresso de Colónia que vai entrar à gare... — explicou-me um empregado.

Colónia!... Corri ao bilheteiro.

— Uma primeira para Colónia...

A minha Cristina, que me seguira maquinalmente, ao inteirar-se do caso gritou:

— Estás doido?... Então nem me levas?...

— Não, adeus, amanhã volto, adeus!... — e já transpunha a porta para o cais, que o revisor lhe vedava por falta de bilhete.

Voltei-me um instante para gozar o espetáculo da sua expressão de impotente arrelia e apressei-me direito ao comboio cuja partida os pregoeiros anunciavam.

Ouviu-se o derradeiro badalar litúrgico da sineta e um silvo agudíssimo a que responderam outros mais gastos e longínquos. Em seguida — por fortuna sozinho no meu compartimento — e logo aos primeiros movimentos das carruagens, percebi que adormecia com a sensação de quem mergulha em banho perfumado, no prelúdio às mais complicadas e arrebatadoras variações amorosas...

II

Despertei na fronteira renascido, sem memória molesta do passado, na embriaguez da liberdade reconquistada, e apalpando com arrogância o arcabouço, senescal do mundo, sequioso e famélico, já caprichoso no rol das exigências, armando e varrendo perspectivas de gozos requintados, e sobretudo ardendo por exercer categoricamente o meu direito à vida, à minha vida amplíssima...

Entanto se não oferecia ensejo de acometer grandes feitos e enquanto se verificavam as bagagens dos outros passageiros, abanquei no restaurante gritando por salsichas fritas e vinho.

Servido com extraordinária presteza logo me trouxeram meia dúzia de pequenas salsichas, roliças, quentes, de tripa rebentada, ainda a chiar na gordura, e um copioso canjirão de cristal transbordando vinho espumante...

Encontrei nas salsichas um sabor inefável: o paladar só dava verdadeira conta desse gosto esquisito quando já não restava algum vestígio da sua passagem pela boca. Lavando o paladar a grandes tragos de vinho branco, mais se atiçava perfume das salsichas, a par da gula desencabrestada a clamar por novas doses...

A conjuntura prestava-se a conceitos filosóficos, visto como claramente se patenteava a perfeita união de alma e palato, e assim capitulei de «subjetivo»

aquele sabor raro, pedindo ao mesmo tempo outra ração de salsichas e outra caneca de vinho...

Era vinho de Mosela — até ali abominado e emparelhado a limonada vil — que, ao contacto das salsichas, todo se vaporizava em éteres delicadíssimos...

Instintivamente — talvez à iniciação latente do ar que respirava — cotejei lições, respigando nas messes da sabedoria humana, e concluí, engenhosamente otimista: o vinho de Mosela é sem dúvida a crítica da razão prática das salsichas desta nossa existência contingente...

Tal reflexão levou-me à consciência, que ainda se não afirmara, da atualidade alemã: estava na Alemanha, bem o sentia na destreza com que a imaginação se socorria dos vícios kantistas para buscar e analisar especulativas analogias à ação gastronómica das salsichas fritas e do vinho branco...

E pus-me a reviver filosofias, sem prejuízo no consumo das salsichas e do vinho.

Mas foi como quem abrisse a gaiola ao prisioneiro bando de pombos mensageiros, vendo-os espalharem-se no ar, velozmente, em linhas sinuosas, cruzando-se sem nunca abalroar ou retroceder.

Suspendendo o canjirão a caminho dos lábios, enquanto a fantasia tentava reproduzir graficamente sobre o imaginário azul celeste o voo das aves irrequietas e dos sistemas flexuosos, eu vi desenhar-se com nitidez a árvore de todas as filosofias, árvore que não saía das costelas de Jassé, mas daquele mesmo jarro de cerveja onde matara a sede o quase exausto Lutero, na famosa dieta de Worms...

E bebi um infundável trago do meu vinho branco para mitigar a agonia do já vacilante frade...

Depois exclamei enternecido: «Ó Alemanha ideológica e prática, o que seria feito da tua liberdade de consciência se um príncipe ignaro mas compadecido não houvesse propinado a cerveja redentora ao mais ilustre dos teus filhos!...»

E pensava: «Não é decerto às secas e em jejum que se versam frutuosa-mente os tormentosos problemas da ética e toda esta Alemanha filosófica, literária e poética se oralizou a comer salsichas e a beber cerveja... ou vinho de Mosela, que tanto monta...»

«Generosa raça! Generosa, rija e douta!... Tu é que exumaste os velhos mitos e a Bíblia e os Vedas... e à voz dos teus profetas românticos é que o Shakespeare e o Cervantes se levantaram do esquecimento nefasto para

reinar gloriosamente e eternamente sobre a humanidade agradecida...
Bebo à tua saúde, ó nobre raça!...»

E comia e bebia...

«Alemanha nebulosa, musical, medieval, sinfónica, preciso conhecer-te, quero conhecer-te... O meu guia não será por certo o teu malévolo Baedeker — em três viciosos tomos — mas a toada ingénua da tua alma popular *O Menino da Trompa Maravilhosa*... Por que diabo detestava eu o vinho de Mosela?... mas isto reconforta os nervos e é de uma leve acidez que galvaniza... Alemanha sublime! Sublime e... criminoso... Ressuscitaste os mitos primitivos, gastos e vãos já antes de trucidados, mas tu é que mataste aquele que ainda vivia, o augusto, o majestoso, de todos o mais formidável, o grandíssimo Padre Eterno; e para maior ignomínia fizeste-o pelas mãos débeis de um professor de província maníaco...»

... Kant, Koenigsberg...

«Não foi ele sozinho...»

Quando o monstro jazia por terra, todo ensanguentado mas respirando ainda, aproxima-se-lhe um horripilante anão hirsuto e macrocéfalo, com agulhas de porco-espinho, aos molhos, nas sobranceiras, brandindo à laia de lança um enormíssimo palito da Arregaça inflamado na ponta, e bramindo em voz cavernosa: *Kant, Koenigsberg!* enterrava-lho profundamente pelo olho direito adentro... Era o meu antigo professor Alves de Sousa...

O monstro expirou...

«... Kant, Koenigsberg...» não cessava de roncar o anão com inflexões de órgão potente; assim na minha mocidade o vira e ouvira eu — agitando-se na cátedra qual tenro infante em vasto semicúpio — repetir mil vezes por fórmula mnemónica:

«... Kant, Koenigsberg...»

E ainda vociferando: *Kant, Koenigsberg* me foi perseguindo até ao vagão cuja portinhola lhe atirei à cara com estrondo...

E adormeci de novo profundissimamente

.....

Achei-me a andar pela estrada fora, indeciso no caminho, mas sem encontrar viva alma a quem pedisse indicações.

No entanto ia contente. Era meio-dia e calor que nem no pino do verão, mas a estrada sombreava-se com a ramagem túpida de gigantescas ameixeiras carregadas de frutos maduros e suspensos ao alcance da mão

em palmitos rescendentes. Eu nunca vira árvores assim nem tão-pouco vira campos semelhantes à várzea que por entre elas se desdobrava, verde-esmeralda, aveludada em quadros regulares de espigas verde-claro e mosqueada de pequeninas oliveiras de folhagem prateada, tufando em esferas onde a luz se iriava como se desse em grossíssimas pérolas...

La contente, pensando na minha alegre vida e recitando a preciosa carta de recomendação que o Lessing me dera para o Herder.

Dissera-me à despedida o sublime autor da *Emilia Galotti* que eu fora encontrar, algo maltrapilho, jogando à roleta em Ostende:

— Ninguém melhor do que o generoso Herder o iniciará nos mistérios do romantismo alemão que desapaixonadamente estudou. Procure-o sem cerimónia: à semelhança de todos os verdadeiros génios é ele excelente pessoa. Como Weimar fica longe tome lá este exemplar d'*O Menino da Trompa Maravilhosa* que lhe pode servir de guia; antes de perguntar o seu caminho a alguém abra o livro e leia de rijo uma cantiga: será ajudado por quem quer que o oiça... O livro custa um florim, ou sejam dois francos e meio, ganhando alguma coisinha no câmbio... Perdoe-me a especulação, pois a maldita roleta depena-me...

Mas ia sempre seguindo estrada fora, posto que houvesse hesitado duas ou três vezes em frente de outras mais pitorescas estradas transversais que não tomei por não ver nelas ameixeiras. Parecia-me que só no caminho de Weimar devia haver daquelas árvores, assim fantásticamente grandes e copadas, vergando ao peso de tão lindos frutos, lustrosos, amarelos, transparentes e iluminados como lamparinas, ou roxos e tumescentes, a carne golpeada a oiro em feridas sumarentas, e outros vermelhos de lacre e outros, ovoides como túberas, de cera lavada e tingidos a laivos de carmim fresco...

E obstinava-me em seguir aquele caminho embalsamado, já quase resolvido a matar a sede que me apertava nos provocantes frutos, quando se me depara um personagem de antiquíssimo corte — casaca de seda amaranço-papagaio enfeitada a argenteria; calção e meia, sapatos de fivela e cabelo curto empoado ou grisalho — que os estava apanhando e comendo, sem escolha, enquanto lia repousadamente, num livro sapudo, a modo de breviário...

Passei-lhe ao pé, muito rente, sem que ele tirasse os olhos do livro; tornei a passar e como não dava algum sinal de me sentir abri o meu *Menino da Trompa* e li ao acaso:

— *Procurei pela hospedeira,
que me perguntou o nome:
— Um pobre rapaz eu sou
que a toda a hora come.*

— Pois então... — interrompeu ele muito afavelmente — é Você, Schwartenhals... por aqui?!...

— É verdade: a caminho de Weimar... — respondi maquinalmente, sem atinar com quem poderia ser aquele extravagante que assim me tomava pelo vagabundo herói da cantiga.

— Também eu lá vou e se lhe apraz terminaremos juntos a jornada... Você não gosta de ameixas, Schwartenhals?...

— Se gosto!... — e comecei a comer com tal ânsia que nem fôlego tinha para inquirir da identidade do meu interlocutor.

Mas nem ele me atenderia, mergulhado outra vez profundamente na sua leitura, oferecendo-me ensejo a comer assim descansado as minhas ameixas enquanto o mirava e remirava.

Era uma fisionomia que resumava inteligência e nobreza, mau grado a sua dominante expressão de simplicidade; as feições finas modeladas em pálido âmbar vivo, onde os alastrados olhos pretos estagnavam com a melancolia de lagoas ao cair da noite. Rosto que o Greco pintaria sobre fundo escuro, iluminado pela tristeza do olhar, na tonalidade levemente argêntea dos cabelos grisalhos, e emergindo de vaporosa arandela de bretanha e rendas molemente franzida...

Terminava o exame quando ele, soltando um profundo suspiro, fechou o livrinho sapudo e erguendo para mim, sem me fixar, os olhos mais entenebrecidos, onde a luz parecia apagar-se gradualmente, recomeçou:

— E o que sabe Você, Schwartenhals, acerca da humanidade oceânica? Não toparia Você, por acaso, durante as suas infinitas peregrinações, com algum peixe-homem?... O homem oceânico é para mim a questão capital, atual, exclusiva... E parece-me, caro Schwartenhals, que o ponto, de tão subida estimação, nunca foi versado com a proficiência que o nosso venerável Johannes Praetorius mostra neste seu precioso livro o *Anthropodemus Plutónico*. Os irmãos Grimm a tal respeito só coligiram baboseiras, e com que penúria de imaginação as comentaram!... Fora o nosso honrado e escrupuloso Praetorius mais conhecido, que certamente os industriosos manos não logriariam ser publicamente louvados pelo meu respeitável amigo Herder...

— O Herder! pois conhece o Herder!... — atalhei com vivacidade.
— O Herder?... quem diabo não conhece o conselheiro Herder! Sim, também o conheci e tratei... mas noutra tempo... E julga Você, Schwartenhals, que o conspícuo Herder recolhesse algumas particularidades dignas de interesse sobre o homem oceânico?...

— Não!... É que eu levo-lhe uma carta de recomendação...

— Uma carta para o Herder? Sem indiscrição, Schwartenhals amigo, poderia saber-se quem perpetrara a farsa de o recomendar ao estupefado Herder?...

— O grande Lessing, meu querido senhor!...

— Lessing, Herder!... singular coleção de fósseis... Você ocupa-se agora de paleontologia, sábio Schwartenhals?...

— Mas afinal quem é Você?... — retorqui-lhe eu, já estomagado com tanta ironia e desacato.

— Pois tu não me reconheces, ingrato bargante, alma de cântaro, a mim que te servi de pai!...

— Sois o glorioso Brentano?...

— Não, apenas o misérrimo e insignificante Achim d'Arnim que também vai a caminho de Weimar oferecer ao divino Goethe os personagens da sua *Isabel do Egito*... Chegaram há três dias de Nuremberga e Você vai vê-los, brioso Schwartenhals...

Sentámo-nos sobre o tapete de boninas e margaritas que cobria o talude da estrada, à sombra de uma enormíssima ameixeira saragoçana, copada em cúpula oriental de onde pendiam os lustres de flores e frutas aromáticas, e logo o meu estranho companheiro exumou das fundíssimas algibeiras a redução perfeita do gélido cadáver que fugira da sepultura para correr mundo e ganhar dinheiro, a tremer o queixo, a tremer todo como em crise de maleitas, mau grado as bastíssimas dobras da grossa pele de urso branco que o envolvia. Depois, a velha cigana ressequida, pergaminhosa, de epiderme reticulada, os cabelos negros, mais duros do que as crinas de muar, entrançados em forma de coroa real, deixando transparecer por vastas clareiras o coiro amarelecido e escamoso, toda ela resplendente no seu vestido de sumptuosa lhama de oiro recamada de pérolas e esmeraldas, onde aguçava as unhas sujas como quem tira arpejos da viola. Apareceu em seguida o símbolo da formosura, a donzela de impecável beleza — estrelas nos olhos e a boca rubra de riso — com a palavra «verdade» lavrada, em guisa de frontal, no alto da testa ebúrnea e mal encoberta pelos cabelos vermelhos;

e era muito para admirar a arte com que, tocada ou roçada aquela palavra, a tez da menina esmorecia e à medida que mais se esfregava maior transformação sofria o seu corpo, inteiriçando-se na pele a mais e mais terrosa, até que apagada completamente a palavra o corpo se tornava em fria argila insensível... mas logo bafejada, acendia-se-lhe a palavra mágica e com ela a vida, a cor rosada nas faces de açucena, o sorriso e todos os amavios...

Vieram depois os seus quiméricos monstros, criados na raiz das mandrágoras, larvosos, hediondos, torpes, rabados, coléricos, metidos em uniformes pedrados de oiro e aljôfar; e chamando-me particularmente a atenção para um deles — aquele que mais abundante parecia em carnes fingidas, belfo, de barba rosquilha até, e no alto da carapinha ratinada a sua barretina verde com arrogante pluma preta — observou:

— Aqui onde o vê foi este marechal talhado em raiz trazida dos campos da Samaria por um religioso português, Frei Pantaleão de Aveiro; para o arrancar à terra tornou-se necessário prendê-lo ao pescoço de um mastim raivoso...

— Frei Pantaleão de Aveiro! Senhor Arnim, quem foi que lhe impingiu tal patranha?...

Mas o meu companheiro já me não escutava, subitamente absorto e preso de funda atonia... Pouco lhe durou o pasmo e baralhando a bonecada bradou em tom acerbo, que mal quadrava ao seu aspeto benigno:

— Tudo isto nada vale, tudo isto é inosso e estúpido!... O divino Goethe zombará de tudo isto! Às alturas onde o seu sublime espírito paira não chegam os clamores desta humanidade grotesca... Ah! pudesse eu levar-lhe um homem oceânico, um, genuíno e de alta categoria, mitrado, um peixe-bispo... Vamos andando, amigo Schwartenhals, aliás chegamos de noite e na Saxónia de noite todos os gatos são pardos... — concluiu sentenciosamente.

Pusemo-nos a caminho sem que o meu companheiro me tornasse a dizer palavra até enxergarmos as altas fortificações de uma cidade extensa.

— Ali está Weimar — acudiu ele então —, mas nós não entramos porque o Mestre agora reside no campo...

— Meu caro senhor Arnim, peço-lhe que não esqueça a visita que devo ao glorioso Herder...

— Meu pobre Schwartenhals, Você desvaria; na terra onde vive o «grande pagão» nenhuma outra glória existe... Venha daí... — rematou desabridamente, puxando por mim com violência.

Evitando as portas da cidade entrámos a um vastíssimo pátio retangular, plantado de limoeiros, ao fundo do qual se abria, em pano desguarnecido de muralha ameada, um magnífico portal de granito verde ladeado por colunas brancas.

— *Voy a buscar el permiso...* — disse-me o companheiro, sumindo-se por uma fresta que mal se divisava na base da muralha, e logo reapareceu agitando duas bandeirolas de cores e armas castelhanas...

O portal dava para um fundo vestíbulo de três naves e colunas dóricas escassamente alumiado, que nós percorremos entre alabardeiros burlescos, por certo mais deformes e torcidos do que raízes de mandrágora, e passando um lóbrego corredor de teto muito baixo fomos desembocar num terreiro luminoso, lajeado a ágata, terminando em sacada toda em roda aberta sobre jardins.

Ao lado esquerdo, arrancando das águas transparentes de um extensíssimo tanque, armava-se uma parede de gigantescas dimensões em arquitetura rococó, dividida por molduras onde, no capricho louco das volutas multiplicadas infinitamente, corriam grinaldas de flores enredadas à rocalha multicolor; a cada moldura correspondia um amplo nicho forrado de espelhos e abrigando figuras de grandíssimas proporções em porcelana esmaltada que historiavam, por admiráveis grupos, as proezas eróticas do rei do Olimpo.

A meio do tanque, num indescritível e tumultuoso cortejo de nereidas, tritões e hipocampos, o rapto de Europa em bronze doirado e metido em transluzente cesta, que a água espadanada encanastrava engenhosamente. As nereidas tinham as cabeleiras de água corrente; as buzinas dos tritões eram de prata e as caudas dos hipocampos imbricadas a madrepérola.

O tanque vazava o seu excesso líquido, por cem conchas de cristal de rocha, nas fauces escancaradas de outros tantos monstros de bronze verde, tauxiado e esmaltado: dragões, rinocerontes, crocodilos, hipopótamos, mastodontes — toda a fauna medonha e fabulosa — de rastos e solevando nas patas dianteiras os corpos espantosos, até dar as goelas ao incessante jorro de água que sorviam com hórrido estridor.

O terrado ou varanda cujo parapeito representava, a ferro divinamente forjado, séries de crianças nuas colhendo fruta em generoso pomar, abria, à direita, no leque de uma escadaria de jaspe alabastrino por onde as crianças do parapeito, soltas já, continuavam, descendo, a correr, ou se curvavam para apanhar os frutos caídos do arvoredado.

Por ali se baixava a um recinto atapetado de fina areia cor de mónio e repartido em quadros que tinham a cada canto uma imensa magnólia e um cipreste ao centro, na mais rigorosa simetria. Em volta dos ciprestes os assentos de pórfiro, septados, ofereciam quatro polidos cadeirões a quem quisesse contemplar as airosas formas de estátuas brancas, dispostas circularmente, às quais o profundo e lustroso sinople da ramagem das magnólias dava todo o relevo.

Pelo contorno deste recinto passava uma levíssima e alta grade, cujo ornamento consistia em fartos festões de rosas de tocar, formando a largos intervalos arcos espaçosos onde começavam as ruas principais do jardim. Tomámos por uma delas, entre latadas de laranjeiras que cresciam em xadrez de losangos alternadamente coloridos a roxo, amarelo e verde, por cerradas searas de jacintos.

Parámos numa clareira de grande circunferência cercada por majestosos cedros cuja ramagem estendida a grande altura se confundia, formando um céu de leques brandamente e incessantemente agitados; um repuxo central de líquido perfumado a pulverizar-se na atmosfera aumentava a frescura daquele salão umbroso.

Ao fundo da clareira e ladeada por esfinges de ónix com feições de prata, uma arcada de verdura: por ali tomámos e nos perdemos em intricadíssimo labirinto. A cada engano correspondia uma estátua de divindade hindu ou grupo estranho inspirado em feroz mitologia, quando não era o corpo mal entrevisto de ninfa que se esquiva e desaparece, ou o clássico Narciso — mal chorando à beira da fonte inquieta que lhe refuga a imagem — ou a Artémis persa de sorriso magoado, ou uma ondulosa Ariadne adormecida, ou a voluptuosa Cípris que se agacha na água chapinhando as túmidas tetas. E no círculo final — fechado em espessíssimas hortênsias atufadas de flores azuis e cor de carne — o Hermafrodita extático, de imaculado Paros, sobre peanha de lápis-lazúli, levantando em cada mão um cacho de gemas ardentes onde pareciam debicar dois colossais pavões formados até meio corpo de oiro brunido e as larguíssimas caudas rojeiras entretecidas de flores naturais — orquídeas e lírios — viçosas, criadas e casadas por assombrosa arte...

— É tempo de procurarmos o Mestre... — disse o meu guia, arrancando-me à absorvente admiração de tanto prodígio; e retrocedendo ao salão dos cedros, metemo-nos por uma ruazinha apertada, finda a qual avistámos, em cerrado plantio de malvaíscos, eloendros e bordões floridos

de nardos e açucenas, as aéreas arcadas de um pavilhão árabe, erguendo-se sobre átrio ladrilhado a luzentes azulejos.

— Ali está o Mestre...

— Mas diga-me, senhor Arnim, que fadas são as que cuidam deste paraíso, visto não havermos ainda encontrado vivalma?...

— Fadas?... Schwartenhals, aqui não há fadas, há girassóis; pois quem havia de ser senão os girassóis?...

— Os girassóis!?... — e, seguindo o olhar do companheiro que se erguera para o céu, vi com efeito pairar sobre o jardim, a grandíssima altura, inumeráveis pupilas de girassóis inclinadas a espreitar por entre a verdura com os seus olhos redondos e ramudos de ciclopes...

— Repare... ali está o Mestre... — repetiu o companheiro, soltando-me novamente da minha estarecida surpresa...

A um canto do pavilhão — que também era forrado a azulejos profundamente translúcidos — repousava, reclinado sobre rumas de coxins guarnecidos a vivíssimas sedas orientais, um personagem majestoso, com o desmedido crânio de mago mais limpo do que esfera de marfim, envolto em pulcra túnica de caxemira branca, e fumando num cachimbo turco...

Ajoelhado na sua frente o corpo esbelto de uma mulher vestida de musselina azul salpicada a lantejoila, com duas grossas tranças de cabelo loiro soltas pelas costas e na extremidade de cada trança duas andorinhas vivas imitando laços de veludo preto... Esta criatura vaporosa, levantando o braço nu até ao ombro, segurava na mão de um homúnculo, cujo trágico semblante, de feições convulsionadas, mais se turvava na moldura móvel das madeixas revoltas da sua cabeleira leonina... Ela parecia oferecê-lo em holocausto ao deus impassível do narguilé...

— Não os conhece?... — interrogou o companheiro.

— A mulher das andorinhas que linda que deve ser!...

— É a minha Bettina que vem apresentar o Beethoven ao Mestre... Com certeza que estando ela aqui nos não recebe o Mestre hoje... isso não me faz nada bom cabelo. Porque afinal há já mais de um ano que a não vejo, com os diabos!... e é a minha mulher!... Além disso não estou sossegado com estes bonecos na algibeira... As hospedarias, aqui, não inspiram confiança e toda a Saxónia está inçada de atrevidos ladrões e desavergonhados plagiários... Olhe se por acaso trago comigo um arcebispo ou cardeal oceânico!... Que risco!... já reparou bem no Mestre?...

tal qual o mesmo Júpiter Olímpico e à sua semelhança perdidinho por saias... a minha Bettina...

Mas ouviu-se de repente um melro a assobiar com tanta impertinência que o meu companheiro estremeceu e parou. Depois, subitamente enfurecido, gritava:

— Onde está ele, onde está ele... — e cuidando que o sentia num próximo eloendro atirou-lhe um caco de azulejo.

— Ai que por pouco lhe não dou... Venha outro caco, depressa, senão lá me foge o patife...

— Deixe o passarinho...

— O passarinho! pois não vê que é o mariola do Heine a troçar da gente... Agora não escapa...

— O Heine!... isso é que eu não consinto... — e agarrando-lhe no braço desviei a pedrada.
.....
.....

— Colónia! Colónia!... — bradavam os pregoeiros, abrindo estrepitosamente as portinholas dos vagões.

III

Saltei no cais estremunhado e — atônito, a espalhar a vista pelo estu-
pendo céu de vidro que rutilava por incomensuráveis arcarias — sem
consciência da realidade, julguei-me sonhando ainda.

Não acabava o altíssimo céu de vidro constelado a globos de fogo que se
prolongavam em renques infinitos, golfando torrentes de luz branca sobre a
minha cabeça e tremeluzindo ao longe como fios de estrelinhas dormentes...

No imenso recinto coberto de cristal qualquer ruído avolumava pavo-
rosamente, quando se não deturpava, invocando estranhas e desvairadas
imagens; as máquinas roncavam mais ofegantes e havia redobrada angústia
nos silvos que soltavam, repercutidos até final com mais penetrante agu-
deza. Durante as raras acalmias dessas vozes obcecantes, a passagem da
multidão percorrendo o asfalto empedernido levantava ecos de exércitos
em marcha rolando surdamente pesadíssimos canhões...

À luz inerte, quase morta, que os potentes focos elétricos desfralda-
vam como sudários impalpáveis, a vida desenrolava-se naquele recinto
por aparências fantasmáticas: soavam as sinetas longinquamente com o
sonido abafado de sinos repicados no fundo do mar, em aldeias desa-
parecidas, na fé das baladas, e as barbatanas multicores dos semafóricos
movendo-se nas espiras de iriados rolos de fumo alvacentos sugeriam visões
de aquário onde evoluções inverosímeis peixes de madreperla.

Ao fulgor da gare sucedeu a meia obscuridade de uma extensíssima cripta, cuja abóbada baixa sorvia o chão por mil trombas grossas — colunas de desmedidos capitéis bizantinos; em redor e ao longo das paredes divididas em largas secções iguais corriam mesas de mármore polido onde os empregados recebiam volumes das mãos dos passageiros para os meter nos alvéolos regulares de um xadrez semelhante aos que se veem pelo interior dos muros nos cemitérios espanhóis...

Um corredor de traçado sinuoso e provisório conduziu-me até às confusas penumbras do átrio descoberto por onde a multidão escoava.

Encontrei-me ao alto de colossal escadaria corcovando na cerração da noite pelo convexo de uma concha cuja curva final se não percebia, mas toda ela salpicada a luzinhas trémulas que pareciam acolchoar o nevoeiro.

Ao lado esquerdo, emergindo de um abismo de trevas para galgar até extraordinária altura, arcava-se em série de costelas o esqueleto de projetada galeria; arcava-se avançando desproporcionadamente a sua medonha ossatura, enclavinando em partes as extremidades superiores do nevoeiro para formar esfarrapados dosséis...

Desci com a outra gente a escadaria mas tomando-a pelo meio e quando cheguei ao último degrau, já sepultado em névoa, grande foi a minha surpresa ao perceber que todos os passos de mim fugiam: ouvia-os afastarem-se nos raios de um círculo imaginário de que eu era o centro...

Sozinho, adiantei-me lentamente pelo nevoeiro que se fazia a mais e mais espesso, envolvendo-me na húmida frialdade do seu negrume silencioso...

O desmarcado muro liso de inexplicável construção embarga-me o passo; sigo-lhe o contorno: não tem fim...

Alto e nu como a muralha dum baluarte, mas circular como gargalo de fantástico poço, cava-se a largos intervalos de bocas estreitas onde as trevas mais se condensam...

Recuo, abrindo desmedidamente os olhos, na ansiedade de tragar toda aquela mole de escuridão e adivinhar-lhe a forma...

Dissipa-se quase o nevoeiro para logo engrossar de novo e eu diviso por momentos o triângulo de uma montanha artificial, cem vezes mais volumosa do que a grande pirâmide, a crescer férreo, temeroso, na obscuridade da atmosfera saturada de crepes fúnebres...

É certamente a catedral e essas bocas lôbregas que abrem no muro circular, vedadas por grossa gradaria, correspondem talvez às escadas por onde se sobe ao adro...

Obstino-me em perscrutar com a vista a opacidade fofa e impenetrável: canso-me e desisto.

Tomo ao canto da praça por uma rua estreita. Pelos respiradouros subterrâneos de todas as casas, nessa rua, saem hálitos quentes e rumores de uma vida que se não explica. Espreito. Em volta de profundas amassadeiras dobram-se os troncos nus de gigantes ruivos; os braços mergulham em cadência no bolo brando ao som de singela melopeia, e tudo se ilumina por clarões intermitentes de incêndios ateados em recessos que a minha vista não alcança.

Ao fim da rua sinto no rosto o bafo arrefecido, a desigual fresquidão peculiar às margens dos rios, de envolta com o cheiro salobro da vaza levemente agitada. O nevoeiro desfaz-se nas alturas, mas acumula-se, rojando-se, entre os cais, como negra nuvem feita serpente, em toscos anéis túmidos de trevas...

A tenuíssima aragem traz-me também eflúvios de pomar siciliano; é sem dúvida algum carregamento de laranjas e limões que vai subindo o Reno... Remonto às províncias do sol, cerrando os olhos que se marejam de lágrimas ao fulminante rebate nostálgico, quando rompe, indizivelmente flébil, o queixume de uma elegia em modulações de flauta, trinadas ao lume de água, sob o toldo baixo do tule escuro da névoa...

Aproximo-me em busca do debrum do cais e eis que me salta à frente, pavoroso de estatura e de silêncio, um cavaleiro de ferro apontando-me ao peito o bico da lança... Estremeço de instintivo horror, mas, refletindo, logo distingo nele a garbosa atitude do gigante régio que eu vira de guarda à célebre «ponte fixa» numa ilustração antiga...

Pouco senhor dos meus nervos solto uma gargalhada estrídula, cujo eco, longe de se perder, parece ressurgir e aumentar, regulando o compasso desse ruído que para mim se encaminha no pontilhado diligente de uma curva matemática... Recrudescer o ruído com mais cadenciado vigor ao aparecimento de centenas de vultos que surgem de um boqueirão tenebrosíssimo; luzem galões de uniformes com aéreos fulgores rastilhados em lâminas curtas; as botas ferradas sapateiam brutalmente na calçada e estacam, mesmo à entrada da ponte — enquanto eu me coso com o parapeito do cais —, à explosão apocalíptica dos clarins... Manobram e metem-se à ponte com pasmoso estrupido, que decresce gradualmente até se extinguir tamborilado, muito longe, com levezas de dedos infantis...

No entanto o crepúsculo assinala-se preguiçosamente peneirando cinzas quase prateadas sobre os telhados.

Torno à catedral. A mole ingente mais se ampliou na minha ausência, mas perdeu, à vaga claridade matutina, a solidez orgulhosa com que se impunha e vencia as trevas. Agora branqueja carcomida por sombras e estofada de penumbras, nos contornos de uma caveira mefistofélica que investisse com a imensidade para dissipar a escuridão. As suas torres agudíssimas abrem com efeito rasgões tremendos nas profundezas do céu...

Subo ao adro e procuro entrada ao templo. Tenteando, assomo à nave central cuja amplidão calada exagero. As trevas pesam, cinerárias e quase palpáveis na base dos pilares que já florescem de luz pálida a excessiva altura...

Os raros lumes das lâmpadas esparsas a esmo, espirrando oiro em levíssimos halos bruxuleantes, pontos vãos de referência, induzem a cálculos abstrusos; as distâncias alargam-se inverosimilmente e, na incerteza das linhas baralhadas pelo nanquim de borrões esféricos, os troços superiores dos mal alumizados pilares suspendem-se no ar, adelgaçando como estalactites.

Eu não sei de certeza se me encontro no interior de um templo ou da gruta de Artá: urgia queimar, aqui dentro, fogos de Bengala...

Mas também poderia ser a clareira de uma floresta, no outono, quando a aurora transluz pela folhagem matizada com estes rubores que vibram agora aqui nos panos dos vitrais.

Oiço passadas cuja ressonância me restitui à exata consciência da verdade: estou na catedral de Colónia e essas estrelas que brilham, longe, como que presas em larguíssimos panos de púrpura negra, são velas acesas por estonteados sacristães para acudir ao exercício do culto católico... Nenhum encanto me aguarda, talvez, para quando chegar aqui dentro, a este mistério, a luz do dia, e talvez que esse oiro que acorda brandamente em curvas de caprichosos arabescos, à entrada das capelas, denuncie ornamentações fastidiosas às quais melhor será poupar a vista e a alma...

Sinto-me arrefecer ao temor de que se realize a *espírituosa* presunção da minha Cristina: a catedral de Colónia do João Maria Farina...

A claridade vai aumentando e já invade o pórtico junto ao qual eu passo. Saio da igreja. Na minha frente leio em letras de satisfatórias dimensões o nome de um hotel; para lá me encaminho sem hesitação. Peço quarto, deito-me e adormeço. Acordo depois do meio-dia para comer e dormir novamente. À noite levanto-me e meto-me no comboio de Anvers, refletindo:

«Colónia está vista; não estraguemos as impressões da noite passada!...»

Nota indispensável à boa compreensão de tudo quanto se acha exarado na precedente «história fantástica, filosófica e sinfónica»...

Aconteceu uma vez que ao escrever um livro de muita polpa sobre Londres lhe introduzi um capítulo acerca dos pobres da minha terra. O tal capítulo abonava por desinvoluções pitorescas os horrores da miséria assoalhada para rematar com a visão da miséria enregelada sob a forma de um mendigo cruzado em Piccadilly no momento preciso — cheio de voluptuosa acidez — em que, recompensando-me os galanteios, certa hetaira desejada me tomava o braço, e me outorgava a posse exclusiva das suas perfeições e carícias até ao dia seguinte...

Enviei as páginas eivadas de gangrena social ao meu mais dileto amigo — literato insigne e artista desmarcado na envergadura, embora a «Vernaculidade» o rechace — que se propunha encetar a publicação de uma revista.

Por motivos que não são para aqui, o primeiro número da revista, já composto e em parte paginado, não saiu a lume, mas serviu de pretexto a que o meu amigo me admoestasse magistralmente, tomando para tema esta minha obscuridade e ausência de conexão, frequentes em todos os meus escritos mas flagrantes sobretudo nas páginas que lhe enviara. Além de reparar no escandaloso aparecimento de «pobres portugueses» em livro de assunto inglês, verberava aquela visão de Piccadilly para a qual o leitor não estava — efetivamente não estava — preparado com anteriores esclarecimentos.

E unguido de infalível autoridade acrescentou, mais sentencioso talvez do que convinha:

— Menino, é preciso que o público entenda aquilo que vossemecê escreve...

Tendo isto presente e lembrando-me que talvez este conto venha a ser um conto «para o público» parece-me bem observar que as ameixas comidas em sonho não foram de invenção minha. Referem todos os cronistas dignos de fé — com a unanimidade que eu desejaria ver incidir em intrincados problemas históricos de irredutível magnitude, *verbi gratia* o da papisa Joana —, referem todos os cronistas dignos de fé, repito, que no tempo do Goethe os campos entre Iena e Weimar abundavam em ameixeiras muito bem cultivadas...

É também igualmente notório que durante a ditadura daquele incomparável poeta e garanhão se publicou um livro de canções populares devido à pena indefesa dos nossos colegas... — olha o disparate! — devido à colaboração dos solertes compiladores Clemente Brentano e Luís Achim d'Arnim, sob o título de *O Menino da Trompa Maravilhosa*. Aí figura o meu «Schwartenhals» no qual eu encarno sem protesto — mesmo nos desvarios sonambulescos ninguém gosta de fazer má figura —, o que o leitor perspicaz levará certamente em conta, reservando-me a sua indulgência para quando as minhas petulâncias o estimulem...

Esse Achim d'Arnim que na índole fantástica se emparelha aos Hoffmann, aos Poe e aos Bertrand, escreveu entre outros livros saborosos o romance *Isabel do Egipto*, onde vivem os personagens por mim reduzidos a bonecos... A romanesca Bettina era sua legítima esposa, o que não a estorvava de se empenhar em missões de alta responsabilidade estética e risco matrimonial. Foi assim que ela empreendeu aproximar o Goethe do Beethoven e explicar àquele o génio deste. Mas infrutuosamente, pois o luminoso Mestre temia ainda mais o génio do que as mesmas trevas...

E talvez que a repulsa no presente caso não fosse meramente por lhe fazerem sombra os merecimentos do compositor, mas por incapacidade real, ingénita, da sua compreensão.

Mais tarde, morto já o autor do *Fidélío*, a audição da sua música — e interpretada pelo Mendelssohn! — dava ainda o mesmíssimo resultado.

Conta o Mendelssohn em uma das suas cartas:

«Todas as manhãs toco ao piano durante uma hora trechos de diversos compositores célebres, por ordem cronológica, explicando-lhe [*ao Goethe*]

como eles concorreram para o desenvolvimento da sua arte. Durante esse tempo permanece sentado a um canto, sombrio qual Júpiter Tonante e despedindo chispas do olhar... Recusava-se absolutamente a tragar o Beethoven e como eu lhe executasse o começo da sinfonia em dó menor bem estranha foi por certo a impressão que experimentou. Primeiro disse: — Mas isto só produz espanto e não comove: é grandioso!... — murmurou mais algumas palavras ininteligíveis e após longa pausa recomeçou: — É grandioso e atordoa. Dir-se-ia que se desmorona a casa. O que sucederia se toda a gente junta se pusesse a tocar isso?...»

Eu suponho que se o leitor, dadas todas estas explicações, não entendeu o meu conto com todo o seu claro simbolismo, é porque é irremediavelmente obtuso para a música; mas consola-se louvando-se no Goethe e todos ficamos contentes...

Para concluir, e no intuito de conciliar a benevolência de certos puristas puritanos, confessarei que a excitação do Mosela não desculpa a extravagância de outorgar à raça alemã o impróprio atributo de *douta*... Mas a extravagância é postiça, pois eu quis significar propositada e ponderadamente que na raça alemã os meninos das sucessivas gerações vêm ao mundo logo dispostos para a sabedoria — quem desvendará nunca os mistérios do atavismo? — e, em concorrência à cicatriz herdada de seu pai por Pico de Mirandola, trazem estampado nos tenríssimos cérebros, uns a sintaxe grega, outros os prolegómenos da *Ética*, outros a «carta adorada», fenómenos ainda assim de pouca monta comparados à indiscutível força transmissora das hierarquias militares em certas famílias privilegiadas, nas quais os meninos assomam às vulvas maternas graduados pelo menos de sargentos e tão providente lhes é a Providência que muitas vezes, para alcançar melhor efeito, em certas saídas de pelve, trazem as divisas pegadas às nadegazinhas...

Vamos visitar a esquadra inglesa do Mediterrâneo, que ancorou ontem na baía de Lagos.

Chego ao cais muito antes de nascer o Sol, quando o crepúsculo se anuncia por súbitas opacidades que tisnam o céu absorvendo momentaneamente o brilho das estrelas.

A água cuspinha nas pedras do embarcadero, sob a tenda de trevas que o encobre, e a meio do rio, ao sabor da sua corrente de tinta negra, serpeia uma oleosa, fugitiva esteira de luzentes reflexos.

Mas depressa bafeja a subtil aragem matutina...

Pelo azul noturno do remotíssimo céu alargam-se claridades de vidro que um forro de pano escuro espelhasse...

O silêncio amodorra-se molemente perturbado pela respiração rítmica do mar, que mal soa distante, espaçada e funda...

Os barqueiros juntam-se calados e aprestam o bote sem trocar palavra; os baques secos dos pés descalços no oco dos paneiros retumbam singularmente cavos.

Já todos estão a postos e um deles exclama: — Pronto! — com o tom de voz longínqua e apagada.

Embarco.

Os quatro remos chapinham, em monótona cadência, na água ferida de fosforescências breves...

Seguimos contra a maré, cerce à linha curva do dique; gemem penosamente os remos nos toletes; mas os barqueiros remam rijo e em

poucos minutos tocamos no *Convento* onde o meu companheiro de passeio aguarda. É um catalão agigantado cujo peso lastra convenientemente o bote.

Vogamos de novo.

À Ponta da Areia já reluzem mais trémulas as estrelas pelo céu que esfria; a leste a linha do horizonte alveja e endurece, entre sombras fofas, como o tubo polido de farta pluma cinzenta...

Logo as sombras ruborescem apertadas em rede prateada.

Aproamos à barra.

Os catraeiros remam silenciosos ou falam baixinho para não trilhar a paz sereníssima da manhã...

Já haurimos a frescura da amplidão salgada...

O mar marulha brandamente nas restingas da barra que nós transpomos sem ondulação sensível.

Vamos rente com a praia que não vemos, mas percebemos-lhe os recortes traçados na obscuridade pelas curvas sonoras da onda que se alastra preguiçosamente na areia inerte.

Por cima dos alcantis da costa progride a alvorada; cinge-se o céu de faixas de oiro cor de limão golpeadas a carmim e o mar dilata-se infinitamente quando rebenta a luz do Sol, jorrando fogo como se por detrás do céu tudo fosse metal fundido...

Dão-me no peito nu os primeiros raios do Sol, que eu esperava erguido à proa do bote, e atiro-me à água onde mergulho de olhos abertos, em voluptuoso torvelinho de prata lactescente. Tenho a ilusão de uma possível metamorfose, com arrancos de golfinho, pelo lençol da água esverdeada onde todo o meu corpo se embebe de fresquidão...

Mas o sol aquece: os barqueiros já limpam as testas que escorrem em bagas de suor.

Visto-me.

O casario de Lagos, ao fundo da baía, vai perdendo a sua líquida brancura de cal derramada e os navios de guerra, até ali meras sombras, surgem da água maciços, disformes, desarvorados, como leixões providos de artilharia.

Mais de perto, quando se evidencia, irrefragável, a sua estrutura fluante e os vemos cheios de rígidos vultos negros, sugerem a ideia de um êxodo de gigantes convertidos em franciscanos, que aguardam imóveis, engolfados nos capuzes de ferro, o sinal do desembarque.

Mas a bordo dos couraçados não andam monges: é a aglomeração dos ventiladores colossais em volta das chaminés que nos excita a fantasia.

Aproximamo-nos.

É a hora do banho para a marinagem que se apinha nos castelos da proa ou já se balouça em cachos de baralhadas formas nuas nas cordas suspensas dos paus de surriola.

Jogam-se à água, muitos com saltos de acrobatas, e uma chusma deles cerca-nos o bote lançando-lhe as mãos à borda como se o quisessem tomar de assalto.

É uma cena rara.

A um marujo ruivo, com o torneado arcabouço de pião, que assomara ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sôfrego e sem jeito, com dois fios de púrpura a fugirem-lhe das comissuras dos lábios até encherem as conchas em que se lhe ajeita a carne no vão das clavículas.

Outros querem também beber.

Para despachar, o meu companheiro abre garrafas de cerveja e vai-os servindo a dois e dois, metendo-lhes os gargalos pelas bocas escancaradas.

Eu digo aos catraeiros que tirem fruta das canastras bem providas que levamos e lha deem a comer.

O quadro toma tintas de exultante paganismo: aqueles corpos nus emergindo da água; as serpentes nodosas de tantos braços brancos agitando-se sobre as bordas do bote e à altura daqueles rostos húmidos, de expressão risonha e gulosa, as nossas mãos cheias de frutas, com os figos brandos, os pendentes racimos de uvas, as peras louras e as rubras talhadas de melancia a desfazerem-se em sumo de encontro às faces imberbes...

Alguns abocam, arrepanhando brutalmente os frutos, com o jeito cómico de cães esfaimados; aquele chupa demoradamente uma laranja furada; na testa doutro esborracha-se um figo inchario...

Mas todos agradecem com olhos de encanto o maná perfumado desta nossa terra de promessa...

Tanto se carrega o bote de gente que lhe começa a entrar água dentro; nós nem damos por tal, tão absortos e azafamados na divertida tarefa. Soa a bordo dos couraçados o toque de recolher a tempo de nos poupar ao forçado banho... Afasta-se a marujama em cardume, voltando de quando em quando as cabeças para clamar uníssona as derradeiras saudações...

É hora de almoço mas temos de renunciar ao abrigo relativamente fresco do nosso toldo branco para ir a terra refazer as provisões pouco menos de exaustas...

O calor aperta despropositadamente e quase nos fazem compaixão os soldados ingleses que encontramos pela cidade e cujas caras de baetão vermelho mal se diferenciam da cor das suas jaquetas.

Demoramo-nos até ao meio-dia e como nos avisem de que a bordo não recebem visitas antes das duas horas procuramos matar o tempo em terra.

Lembro-me de uma sesta dormida à sombra dos rochedos, na areia seca da praia, e saímos da cidade em busca de local apropriado.

A costa fragosa cava-se em série de calhetas cilíndricas que não comunicam entre si e formam bacias naturais aproveitadas pelos banhistas.

Àquela hora de folga tudo está repleto. Bandos ruidosos de operários, em cujos corpos macilentos a vida encerrada das fábricas pôs o inconfundível selo, ocupam as primeiras angras; noutras, a seguir, os rapazes do campo, sólidos e lesto mas medrosos, lavam-se à babugem das ondas e vêm secar os corpos rolando-se na areia assoalhada para voltar de novo à água; alguns mais arrojados e destros nadam pelo mar fora soltando gritos agudos. Finalmente topamos numa enseada distante com dois escaletes da armada que dois marinheiros nus enchem de areia. São marujos malteses, de pele baça e modelados como hércules: os mesmos corpos de possantísimos escravos que as gravuras antigas punham a remar nas galés do Grão-Turco. Era placidamente heroico o espetáculo dos seus triqueiros corpos atléticos, que se bronzeavam à sombra lavados nas quentes reverberações da luz, a moverem-se, leves, pela praia fora, insensíveis ao peso enorme das canastras de faia que transportavam à cabeça, coguladas de areia seca.

Passou a hora da sesta e é tempo de tornar ao bote e à esquadra.

Os fornecedores de bordo oferecem-se para nos conduzir ao *Revenge* mas ali recebem-nos de má vontade e pela escada de bombordo. Pergunto se o navio-almirante admite visitas e para lá me dirijo mau grado a resposta negativa que obtenho a bordo do *Revenge*.

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito à sentinela que preciso falar ao oficial de serviço.

Sem demora o oficial aparece, rosado e glabro, no seu imaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniatamente, a inquirir o que desejo.

— Desejo visitar o barco mas não subo pela escada de bombordo... O oficial sorri e fixa-me com curiosidade. Vai consultar o seu superior. Volta. Podemos subir mas somente eu e o meu companheiro. À gente dos outros botes que nos seguiram é negado o acesso.

Surtiu o seu efeito a pequenina cena de snobismo a que a alma britânica é tão sensível. O oficial, muito amável, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingénua» para nos pilotar. A visita é monótona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

Os couraçados dão-me a uniforme impressão de uma vida exclusivamente mecânica, trabalhando por engrenagens de ferro, mas sem a alegria da fábrica cuja alma se apreende no movimento aéreo dos transmissores; a bordo dos couraçados escasseia o tempo e falta o ar à tripulação que até parece ali de mais, naquela clausura blindada. Tudo é brutal, hirto, cativo. Nem uma única inflexão de corda solta ao capricho do vento, nem a alegria duma vela que drapeje, nem a esperança duma tábuia de salvação na tragédia dos naufrágios.

Sente-se que um segundo bastará ao mar para engolir toda aquela mole metálica. A casca de noz do simples batel infunde-me mais confiança.

O nosso entendido e diligente guia mostra-nos o manejo dos canhões monstruosos, das peças de tiro rápido e dos torpedos feitos à feição de esqualos e pergunta-nos, baixando pudicamente os olhos, se as raparigas portuguesas são bonitas.

O primeiro sinal de vida palpitante a bordo do imane couraçado percebemo-lo nesta pergunta espremida a custo e à qual a timidez com que é feita dá um sentido ardente...

E não resta dúvida; afora o perpétuo grito da cruz escarlata na bandeira desfraldada, tudo, naquele recinto, se ressentia da impenetrabilidade do aço: miragens da existência livre e escumas da onda inquieta morrem desfeitas nas chapas inflexíveis que lhe revestem o costado...

De uma das pontes observamos os marinheiros que descansam no castelo da proa: ali mesmo a animação é nula. Conversam a meia voz. Reconhecemos alguns dos que regaláramos de manhã com fruta e vinho; agora olham-nos quase a medo.

Um deles, ajoelhado, acorda o companheiro que dorme, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe nos lábios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maçã e sorriem amorosamente. É o melancólico idílio das camaradagens marítimas: os dois coram como donzelas ao surpreender a curiosidade com que os espiamos...

Descemos ao bote e damos ordem para o regresso, recomendando aos catraeiros que remem devagar.

É tão ativa a reverberação do sol na superfície da água que julgamos vogar entre sargaços de fogo.

O calor sufoca e dos corpos dos barqueiros escorre o suor em tal abundância que faz poças nos paneiros.

Nós abramos também, mesmo debaixo do toldo branco.

— Se houvesse aqui perto alguma praia com sombra, íamos para lá esperar o pôr do Sol... — digo eu já insofrido.

— Passados os Três Irmãos de Alvor — são três leixões agudos que avistamos cerca — na Ponta de João de Ourém há umas praiazinhas, mas não valem nada... só baixa-mar é que ficam a descoberto...

— Voltamos lá já...

— A Ponta de João de Ourém é um montão de rochas a crescer pelo mar dentro e visível em toda a linha da costa desde a Ponta do Altar até à Ponta da Piedade.

Rochedos amontoados brutaemente dando um perfil tumultuoso e áspero, com luzernas de céu e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos.

Ao pé, esses penedos separam-se em labirinto de leixões semeados no mar, a esmo, levando por sinuosos canais sombreados aos pequenos refúgios da costa. As rochas levantam-se desigualmente: algumas afloram ou assomam os tenebrosos cabeços vincados por paralelas de gumes, à mais leve ondulação do mar; outros abrem-se em arcos franjados de algas verdes ou aguçam-se em pontas carcomidas; finalmente, dois ou três muito altos e cilíndricos erguem-se da água transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas, enegrecidas e húmidas até onde lhes bate a água, mas os remates, brunidos pelo vento e amarelecidos ao sol, tão secos e lisos como se fossem de marfim.

O bote acolhe-se ao umbroso remanso de uma gruta baixa, donde nós alcançamos terra saltando, descalços, ao lume de água sobre cachopos escorregadios.

Achamos praia de areia seca mas quase toda no perímetro dum fojo imenso cujo incessante esboroamento tornaria a nossa demora, ali, arriscada.

Resolvemos passar o resto da tarde dentro de água. O meu gigantesco e obeso companheiro despe-se e fica sentado numa pedra, com água pela cintura, a chapinhar as polpas do tronco que se ordenam em roscas

vermelhas, todas subordinadas ao aninho do umbigo, como a animada estátua de um Buda de raça loira.

Eu nado à aventura por entre os rochedos, na afagosa sensação da fluidez que embala, explorando furnas lóbregas, onde a carne mal se esquiva ao contacto das pedras que anavalham, e mergulhando de olhos abertos para atravessar buracos de rochas submersas, cujas bocas oscilam, recuando ou adiantando-se, ora ampliadas ora sumidas, pelas glaucas profundezas da água agitada.

O corpo estremece-me no silêncio das sombras onde a água estagna gelada e cristalina e daí foge, arrepiado, coando-se pela água amornecida das passagens assoalhadas, com os membros laxos de quem flutua, inerte, ao sabor de uma preguiçosa corrente de frouxéis de arminhos.

Ando nisto duas horas ou mais quando enxergo, em cima de uma larga pedra rasa e rente com o mar, um pescador de cana que se esforça inutilmente por tirar a linha da água. O corpo dobra-se-lhe em arco perfeito, tal é a violência com que forceja por soltar a linha, e cai, assim dobrado, de costas, quando subitamente o peixe que a prendia salta da água e lhe vem bater no peito. É um grandíssimo congro a descrever arabescos prateados por entre os membros do pescador que o tenta sujeitar com o peso do corpo. Mas o peixe viscoso coleia, enfurecido, resvalando pela carne nua e ambos ficam a escabujar sobre a rocha limosa.

Com o meu auxílio doma-se o monstro e é então que eu reconheço a custo, na elegância da sua nudez de adolescente, o pescador, um garoto, grande traquinas, a quem por pedido dos pais eu diligenciara de balde meter na escola de marinheiros.

Ia-me ele contando as peripécias da sua pesca, mas de repente para e aponta para uma furna distante, visível pelas frinchas que a perspectiva das rochas abre ao acaso: dentro estão duas mulheres sentadas, dobrando os xales com jeito de quem se vai despir.

O rapaz não as conhece e observa:

— Devem ser do campo e pensam que ninguém as vê... a apostar que se vão despir e que a gente as vê nuzinhas...

— Deixa-as lá...

Despem-se com efeito, entre risos que mal ouvimos. Ambas são trigueiras, conquanto mostrem nos braços uma alvura que os rostos não faziam suspeitar. Diferem consideravelmente na idade. A uma delas alteia-se a camisa no peito com exuberâncias de amajo e na outra cai em pregas

pelo grácil corpinho abaixo. Riem; riem muito, a porfiar qual delas há de primeiro despir a camisa. É a mais nova que se decide: mostra no torneado tronco dois meios limões agudos onde a outra põe logo os lábios; depois esta abre também a camisa, soltando os túmidos seios maduros que a outra apalpa. Recrudescem os risos...

Mas esta cena dura apenas momentos porque elas logo enfiam as saias brancas pela cabeça, perscrutando medrosas com a vista, em redor, e, erguendo-se, desaparecem por detrás das rochas.

Reparo no pescador; vejo-o de braços estendidos e as mãos abertas na atitude de quem pede silêncio, os olhos chamejantes e o sexo arrebitado: é o fauno púbere prestes a atirar-se à ninfa incauta que ele espreitou e quer violar...

Volto adonde o meu companheiro a quem encontro ainda na mesma postura, chapinhando o tronco já desafogado e branco de cré.

Embarcamos.

O calor abateu com o declinar do Sol que desaparece precisamente quando aproamos à barra.

Como se extingue o braseiro no vasto disco de bronze amarelo assim se afogou o Sol em cinzas ao resvalar no polido oiro pálido do céu.

Descobre-se a curva inteira da baía; mas a atmosfera perde a sua jubilosa limpidez, satura-se de humidade que a repassa de tons cetíneos e esfuma-se a poente de puídas cambraias arroxadas.

A superfície do mar embebe-se de violeta, nas restingas da barra a água rola espumas de arco-íris.

O ar arrefece sem que bafeje o mais ténue sopro de aragem.

Passamos a barra.

À esquerda sombreia a duna extensa com o seu perfeito contorno de cicloide desenhado num fio de lume sobre o fundo azul-verdoso dos campos.

A luz parece morrer numa atonia de pérola sem brilho; mas à revivescência do crepúsculo forra-se inesperadamente o horizonte de purpúreo damasco-escuro lavrado a fogo.

Nesse plano ardente as altas serras do Algarve, que fecham a bacia do rio, ampliam-se e endurecem tornadas em maciço vidro fosco.

A noite cresce do oriente com asas tenebrosas de morcego; esvai-se o crepúsculo e a escuridão cristaliza...

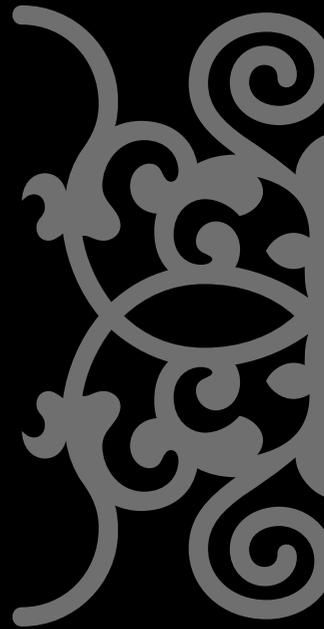
São águas vivas: a corrente do rio apertada na vazante entre a coroa de areia que o vai assoreando e a curva do dique é difícil de vencer; os

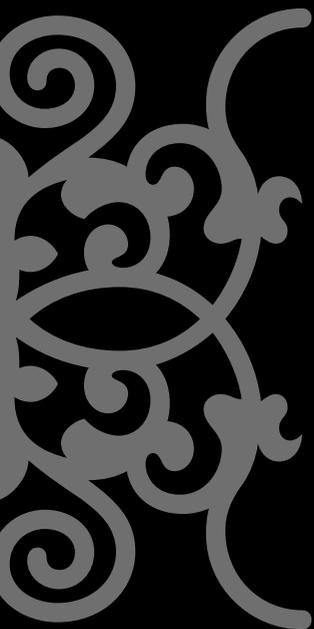
catraeiros remam trabalhosamente, com dolorosos rangidos nos toletes a que estremeçam as tábuas do bote.

Já se avizinha a vila; o casario distingue-se mal, pardacento, aos laivos, feito a retalhos de papel furado por luzes cujos trémulos reflexos penetram profundamente no coração da água.

Suspiram as estrelas no cristal negro do céu...

É já noite cerrada quando atracamos ao cais e, ao baque do bote dando nas pedras do embarcadero, a mesma voz da manhã, soando longínqua e apagada, repetiu: — Pronto...





ÍNDICE

PREFÁCIO	5
----------------	---

I, <i>por</i> JOSÉ ALBERTO QUARESMA	5
---	---

II, <i>por</i> NUNO JÚDICE	9
----------------------------------	---

INVENTÁRIO DE JUNHO

INTROITO	19
----------------	----

AGRIPINA	25
----------------	----

MÚSICA A PORCOS	33
-----------------------	----

O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS	51
--------------------------------	----

VÁRIA	61
-------------	----

PERFUME DO PASSADO	63
--------------------------	----

FALA O MESTRE... ..	65
---------------------	----

PAISAGEM SENTIMENTAL	67
----------------------------	----

CRÍTICA BOÉMIA	69
----------------------	----

LÍNGUAS PEÇONHENTAS	71
---------------------------	----

SORTILÉGIO ADORÁVEL	75
---------------------------	----

ORGULHO DOS SENTIDOS	79
----------------------------	----

MURMURAÇÃO INOCENTE	81
---------------------------	----

VÊNUS MOMENTÂNEA	85
------------------------	----

DE LONGE... ..	89
----------------	----

IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS	93
--------------------------------	----

D. PLÁCIDO	97
------------------	----

JOÃO DE DEUS	123
--------------------	-----

DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS	131
---	-----

MONUMENTOS	143
------------------	-----

VENTO LEVANTE	149
---------------------	-----

NOTA	155
------------	-----

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

I	163
II	165
III	169
IV	175
V	181
VI	185
VII	193
VIII	201
IX	209
X	213
XI	221
XII	225
XIII	231
XIV	239
XV	247
XVI	257
XVII	273

AGOSTO AZUL

[CARTA DE MARÇO DE 1901]	285
[CARTA DE ABRIL DE 1901]	291
[CARTA DE JULHO DE 1901]	293
[CARTA DE OUTUBRO DE 1901]	299
COLÓNIA	303
AGOSTO AZUL	331

SABINA FREIRE

PERSONAGENS	343
PRIMEIRO ATO	345
SEGUNDO ATO	377
TERCEIRO ATO	407
NOTA	431

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISSN 078-922-07-2019-5



9 789222 072819 5